



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - *CAMPUS IV*  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E  
LITERATURAS

**MORGANA GOMES DA SILVA**  
**SIVONE SANTOS DE JESUS**

**A VARIAÇÃO NO USO DOS PRONOMES - SUJEITOS *NÓS* E A *GENTE*  
EM *CORPUS* ORAL DA REGIÃO PIEMONTE DA CHAPADA/  
CHAPADA DIAMANTINA**

Jacobina, BA  
2013

**MORGANA GOMES DA SILVA**  
**SIVONE SANTOS DE JESUS**

**A VARIAÇÃO NO USO DOS PRONOMES - SUJEITOS *NÓS* E A *GENTE*  
EM *CORPUS* ORAL DA REGIÃO PIEMONTE DA  
CHAPADA/CHAPADA DIAMANTINA**

Trabalho monográfico apresentado à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas - *Campus IV*, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Ms. Bárbara de Santana Pereira  
Coorientadora: Esp. Dayane Moreira Lemos

Jacobina, BA  
2013

**MORGANA GOMES DA SILVA  
SIVONE SANTOS DE JESUS**

**A VARIAÇÃO NO USO DOS PRONOMES - SUJEITOS *NÓS* E  
A *GENTE* EM *CORPUS* ORAL DA REGIÃO PIEMONTE DA  
CHAPADA/CHAPADA DIAMANTINA**

Avaliada em: **02/12/2013**

Banca Avaliadora

---

Profa. Ma. Bárbara Bezerra de Santana Pereira  
Orientadora - UNEB

---

Profa. Esp. Dayane Moreira Lemos  
Coorientadora - PPGEL/UEFS

---

Profa. Esp. Geysa Andrade da Silva  
Avaliadora - UNEB

---

Profa. Ma. Márcia Regina Mendes Santos  
Avaliadora - UNEB

Dedicamos este trabalho, primeiramente, a nós, Morgana e Sivone, garotas guerreiras e persistentes, em seguida, aos nossos familiares e amigos, que sempre nos deram força para continuar esta jornada, e por fim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho, em especial às nossas orientadoras, Bárbara Pereira e Dayane Lemos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus, nosso pai celestial, que nos deu o dom da vida e está sempre conosco, nos abençoando e nos possibilitando de correr atrás dos nossos objetivos.

À nossa família, em especial nossos pais, Uilson Nunes da Silva e Irismar Gomes da Silva (Morgana); Carlito Antônio de Jesus e Dalva Santos de Jesus (Sivone) e a irmã e amiga Hosana Santos de Jesus, pela preocupação, compreensão e pelo constante apoio em direção ao conhecimento.

A todos os professores estiveram conosco durante esses quatro anos, em especial, nossa orientadora Bárbara Bezerra e a coorientadora Dayane Lemos, pela dedicação, auxílio através de constantes revisões, pela disponibilidade e orientações que contribuíram diretamente para a finalização do presente trabalho.

À professora e coordenadora do subprojeto ao qual participamos Jane Adriana Vasconcellos Pacheco Rios, que nos deu a oportunidade de crescer e aprender dentro da Universidade o valor da docência. Como também às nossas colegas de Universidade e de PIBID Antônio, Jaceni, Joseane, Maiane, Rosana e Wesley, que estiveram sempre presente em nossos momentos unebianos.

Aos nossos amigos, englobando todos para não esquecermos nenhum, que sempre incentivaram nossos sonhos e estiveram presentes em diversos momentos de alegria e angústia, caminhando sempre ao nosso lado, trocando experiências.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução e conclusão dessa Monografia.

Morgana Gomes da Silva

Sivone Santos de Jesus

A linguagem  
na ponta da língua,  
tão fácil de falar  
e de entender.

A linguagem  
na superfície estrelada de letras,  
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,  
e vai desmatando  
o amazonas de minha ignorância.  
Figuras de gramática, esquipáticas,  
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,  
em que pedia para ir lá fora,  
em que levava e dava pontapé,  
a língua, breve língua entrecortada  
do namoro com a prima

[...] O português são dois; o outro, mistério.

**Carlos Drummond de Andrade**

## RESUMO

A presente pesquisa expõe um estudo dos usos que os falantes fazem dos pronomes *nós* e *a gente*, na perspectiva da sociolinguística variacionista. O percurso metodológico está fundamentado em um estudo de abordagem quantitativa, com o aporte teórico-metodológico no modelo sociolinguístico de Labov (1972). Para tanto, foi selecionado, como objeto de estudo, os pronomes *nós* e *a gente*, objetivando analisar o uso desses na fala de 24(vinte e quatro) informantes, moradores da localidade de Anselino da Fonseca e de Rio de Contas - BA. O *corpus* foi analisado a partir das variáveis linguísticas (tempo verbal e concordância) e extralinguísticas (localidade, gênero e faixa etária), com vistas a perceber o índice de variação no uso dessas variantes, diante dos resultados obtidos através da ferramenta computacional GOLDVARB - X. As entrevistas que compõem o *corpus* desta pesquisa foram retiradas da coleção Amostras da Língua Falada no Semi-árido baiano, organizada pelas pesquisadoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, da Universidade Estadual de Feira de Santana. A questão norteadora buscou responder se há um processo de variação estável ou uma mudança em curso, no uso desses pronomes. Considerando os fatores analisados, os resultados obtidos indicam que, o pronome *a gente* se sobrepõe ao pronome *nós* em quase 75%, o que representa um duelo de contemporização, já que a forma canonizada *nós* não deixou de ser usada em detrimento do uso da forma *a gente*. Assim, a partir dos dados apresentados neste trabalho, é possível acreditar em uma *mudança em curso*, o que reafirma resultados e hipóteses apresentadas por Lopes (1999, 2003), dentre outros pesquisadores.

**Palavras-chave:** Língua; Sociolinguística; Pronomes.

## ABSTRACT

This research presents a study of the uses that speakers make the pronouns we and us, from the perspective of variationist sociolinguistics . The methodological approach is based on a study of quantitative approach , with theoretical and methodological in sociolinguistic model of Labov (1972 ) . Therefore, it was selected as the object of study , the pronouns we and us, aiming to analyze the use of these in the speech of 24 ( twenty four) informants , local residents of Anselino da Fonseca and Rio de Contas - BA . The corpus was analyzed from linguistic variables ( tense and agreement ) and extralinguistic ( location , gender and age ) , in order to realize the rate of change in the use of these variants on the results obtained by computational tool Goldvarb , . The interviews that make up the corpus of this research were taken from the collection of samples Spoken Language in the semi - arid region , organized by the researchers Norma Lucia Fernandes de Almeida and Zenaide Novais de Oliveira Carneiro , State University of Feira de Santana . The research question sought to answer whether there is a process of stable variation or a change in course , the use of these pronouns . Considering the factors analyzed , the results indicate that the pronoun we overlaps the pronoun us in almost 75 % , which represents a duel of compromise , since canonized as we did not leave to be used instead of using the form we . Thus , from the data presented in this paper , it is possible to believe in a change in course , which confirms results and hypotheses presented by Lopes ( 1999, 2003 ) , among other researchers .

**Keywords:** Language , Sociolinguistics ; Pronouns .

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>Quadro1:</b> Definições para forma a gente.....	18
<b>Tabela 1:</b> Descrição da população em estudo.....	33
<b>Tabela 2:</b> Total de ocorrências das variantes <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas comunidades Piaba/Bananal.....	36
<b>Tabela 3:</b> Ocorrência do <i>nós</i> e <i>a gente</i> , conforme procedência geográfica.....	37
<b>Tabela 4:</b> Ocorrência do <i>nós</i> e <i>a gente</i> , conforme gênero.....	38
<b>Tabela 5:</b> Ocorrências dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> , conforme à faixa etária.....	40
<b>Tabela 6:</b> Ocorrências dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> , conforme o tempo verbal.....	42
<b>Tabela 7:</b> Ocorrências dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> , conforme presença/ausência de concordância.....	42

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>11</b>
<b>OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS “NÓS” E “A GENTE” .....</b>	<b>14</b>
2.1 NÓS: BREVE HISTÓRICO .....	14
<b>2.1.1 O “nós” nas gramáticas normativas .....</b>	<b>15</b>
2.2 A GENTE: breve histórico .....	16
<b>2.2.1 O “a gente” nas gramáticas normativas .....</b>	<b>18</b>
2.3 VARIAÇÃO DE “A GENTE” E “NÓS” .....	19
<b>3 SOCIOLINGUÍSTICA: teoria e método .....</b>	<b>22</b>
3.1 POSTULADOS .....	22
3.2 A SOCIOLINGUISTICA NO BRASIL .....	25
3.3 O MÉTODO QUANTITATIVO VARIACIONISTA DE WILLIAM LABOV .....	26
<b>3.3.1 Variantes e variáveis .....</b>	<b>28</b>
<b>4 USO E VARIAÇÃO DOS PRONOMES SUJEITOS <i>NÓS</i> E <i>A GENTE</i> NA REGIÃO PIEMONTE DA CHAPADA E CHAPADA DIAMANTINA: contextualização e análise dos dados .....</b>	<b>33</b>
4.1 TRATAMENTO DE DADOS, AMOSTRAS E PROCEDIMENTOS .....	33
<b>4.1.1 Amostragem .....</b>	<b>34</b>
<b>4.1.2 Coleta e análise de dados .....</b>	<b>35</b>
4.2 ANÁLISE DOS DADOS .....	36
<b>4.2.1 Variáveis Sociais .....</b>	<b>37</b>
4.2.1.1 Localização das amostras .....	37
4.2.1.2 Gênero .....	38
4.2.1.3 Faixa etária .....	39
<b>4.2.1 Variáveis linguísticas .....</b>	<b>41</b>

4.2.2.1 Concordância de <i>nós</i> e <i>a gente</i> .....	41
4.2.2.1 Tempo verbal .....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46
<b>ANEXOS</b> .....	50
CHAVE DE CODIFICAÇÃO	
RODADA GOLDVARB	
GRÁFICOS	

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Toda língua deve ser considerada heterogênea, mas ao se tratar do português brasileiro, este cenário de heterogeneidade linguística parece está mais evidenciado, uma vez que é possível perceber uma vasta diversidade que permeia as mais diversas regiões do nosso país. O contexto sócio-histórico do Brasil nos faz acreditar que a mistura de diversos povos e culturas colaborou na construção, do que podemos chamar, de um Brasil plurilíngue.

A língua nos oferece variações de diversas naturezas, uma vez que, não é falada de maneira idêntica por seus usuários; ela não é homogênea e uniforme; ao contrário, constatamos que é heterogênea, dinâmica, variável. Essa diversidade na língua vem sendo bastante estudada por pesquisadores da área da Sociolinguística. A partir dos estudos, nesta perspectiva, foram inseridos nos estudos da linguagem ocorrências sócio-históricas e culturais, considerados hoje como eficazes para a análise das variações no dialeto de uma dada comunidade, observando aspectos sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais dos diversos grupos que compõem o todo social.

A academia oferece subsídios para entendermos que toda língua possui diferença na forma das pessoas falarem, a essa diferença chamamos de variação linguística, cada indivíduo tem um jeito peculiar ao falar, ao dialogar com o outro, o que não compromete a compreensão por parte de quem o escuta, mesmo existindo uma norma linguística padrão, que deve ser seguida, todavia essa, nem sempre representa o português falado.

Dentre os múltiplos processos de variação linguística no português brasileiro, podemos destacar a variação entre *nós* e *a gente*, para representar a 1ª pessoa do plural, como podemos ratificar através dos muitos estudos realizados nesta área.

Dessa forma, este trabalho está inserido na área da Sociolinguística variacionista, tendo como suporte o aparato teórico-metodológico de William Labov (1972) e as pesquisas realizadas por Tarallo (1986), Lopes (2003), Cesario e Votre (2010), entre outros, que tratam de questões relacionadas à variação nos diversos níveis da língua, contribuindo assim, para um conhecimento maior dos estudos sociolinguísticos no Brasil e no mundo.

Foi com base nas fontes de pesquisas desenvolvidas por esses estudiosos e por encontrarmos um *corpus* já coletado e que não havia pesquisas realizadas com ele na nossa região, procuramos observar e analisar a alternância das variantes *nós* e *a gente*, formas usadas para designar a 1º pessoa do plural entre falantes do português falado no Brasil, no *corpus* oral da zona rural Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina) e na zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina), do interior do estado da Bahia.

A utilização e variação desses pronomes acontecem em várias regiões e entre os mais diversos perfis de falantes do português brasileiro. Assim, temos como objetivo analisar o grau de influência que as variáveis linguísticas (tempo verbal e concordância) e extralinguísticas (localidade, gênero e faixa etária) exercem no uso dessas variantes em situações de comunicação cotidianas dos informantes, como também, apresentar o nível de incidência de uma variante sobre a outra. Assim, a questão norteadora da nossa pesquisa centra-se na tentativa de responder se há uma variação estável ou uma mudança em progresso, no uso dos pronomes *nós/a gente*, no *corpus* em análise.

É importante observar que, mesmo tratando-se da marcação da primeira pessoa do plural, as variáveis possibilitam diferentes construções na formação da concordância com o verbo. O pronome *nós* corresponde à junção do pronome pessoal de primeira pessoa do singular *eu* + outra/outras pessoas do discurso, enquanto o *a gente*, corresponde à junção do artigo *a* + nome. Assim sendo, a gramática normativa estabelece que quando se utiliza o *nós*, o verbo passará para o plural, como por exemplo: *nós canta-mos /nós- passeamos*.

Dessa forma, pensamos nesse trabalho como algo que possa esclarecer alguns questionamentos relacionados ao uso das variantes *nós* e *a gente*. Vemos o encaminhamento dessa pesquisa como um novo aprendizado, tanto para nós pesquisadores quanto para o público em geral que se interessa pelo assunto, um trabalho relevante para a área da linguística/sociolinguística.

Essa pesquisa também nós fará refletir, como futuras professoras de Língua Portuguesa, sobre como, atualmente, está sendo ensinada a gramática aos nossos alunos. À medida que aprendemos mais sobre a variação linguística no português brasileiro, na academia, notamos que há uma grande diversidade nos falares das pessoas e o que nos chama a atenção é o fato de ser espontâneo e indiferente a classes sociais, gêneros, faixas etárias. É relevante também para ampliar nossos conhecimentos e retratar o preconceito que existe em nós, quando o assunto é o uso da língua portuguesa, essa que nos é ensinada desde pequenos e que exerce uma grande influência sobre como somos vistos na sociedade.

Nosso trabalho apresenta-se da seguinte forma: este capítulo I, que chamamos de Considerações Iniciais, nós introduzimos o assunto trabalhado de forma sucinta, falando sobre a heterogeneidade da língua e apresentando os capítulos posteriores. No capítulo II, apresentamos o fenômeno em estudo, trazendo um traçado sobre o *nós* e o *a gente* nas gramáticas normativas e seu percurso histórico, até o momento em que se fala sobre a variação dessas duas formas. No capítulo III, esboçamos os aspectos teóricos, procuramos elaborar à luz das contribuições das mais recentes pesquisas que norteiam os estudos

sociolinguísticos, elucidando questões sobre a sociolinguística enquanto ciência, enfatizando o estudo da língua como produto das interações sociais, os estudos sociolinguísticos realizados no Brasil, bem como os processos de variações. No capítulo IV, descrevemos e analisamos o *corpus* à luz dos estudos da Sociolinguística quantitativa, em consonância com os estudos de Lopes (2003). Por fim, teremos as Considerações Finais que apontam para algumas implicações preliminares, indicando prováveis contribuições desta pesquisa para os estudos sociolinguísticos, bem como para o ensino de Língua Portuguesa.

## 2 OS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS “NÓS” E “A GENTE”

Nós vimos/*nós* viu, a gente vai/a gente vamos, essa alternância no uso das formas *nós* e *a gente* no falar brasileiro já é considerada comum entre os usuários da língua. Diversos são os trabalhos sobre a variação entre as formas *nós* e *a gente* referindo-se a primeira pessoa do plural, a citar o de Omena (1986, 1996, 2003), Omena e Braga (1996), Lopes (1993, 1999, 2003), por perceberem que esses fenômenos estão cada vez mais recorrentes na oralidade. O *a gente* passa a concorrer com o *nós* na classificação dos pronomes pessoais como sendo o plural de *eu*.

Portanto, o presente capítulo versa acerca desse fenômeno de variação linguística, trazendo um breve histórico, no que concerne essas variantes e como são apresentadas na gramática normativa, como também o processo de variação em que ambas convivem a partir de teóricos como Weinreich, Labov e Herzog (2006).

### 2.1 NÓS: breve histórico

Conforme a definição encontrada no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (2007), o “**nós**: pron. 'indica a 1ª pessoa do plural das flexões verbais'. XIII. Do latim *nōs* (tônico)”, ou seja, o *nós* como a primeira pessoa do plural se caracteriza sendo o plural da primeira do singular, no caso: *eu*, no conjunto dos pronomes pessoais.

Todavia, Lemos Monteiro (1991) interpreta que *nós* não corresponde ao plural de *eu*, porque é ilógico imaginar *eu+eu*, havendo nesse caso troca de pessoa. Isso quer dizer que *nós* assume um valor diferente da forma singular *eu*. Para o autor o *nós* condiciona ao significado do *eu* ampliado. Nesse sentido, o *nós* corresponderia ao *eu* e outras pessoas do discurso, de uma forma abrangente.

Conforme Mira Mateus (1983, p. 227)

[...] não se considera que possuam flexão de número os pronomes *eu/nós* e *tu, você/vocês (vós)*, visto que *nós* e *vocês* se referem ao conjunto de seres que se caracterizam por neles se incluírem, respectivamente o LOC [locutor] e ALOC [alocutário], e não têm, portanto, apenas como referente, tal como sucede com o plural, um grupo de unidades da mesma natureza. (grifos do autor)

Percebemos que há uma concordância nas observações de Monteiro (1991) e Mateus (1983), já que o pronome *nós* assume a forma de abarcar a pessoa que fala e as outras pessoas do discurso e não a de multiplicar o locutor, como seria no caso de ser *eu+eu*, como expõe

Monteiro, “da mesma natureza”. Diante disso, podemos concluir que durante o seu percurso histórico, a forma *nós* sempre exerceu e ainda exerce a função de pronome, sendo utilizado como a primeira pessoa do plural no conjunto dos pronomes pessoais.

### 2.1.1 O “nós” nas gramáticas normativas

A maioria das gramáticas normativas consideram o pronome *nós* como forma plural de *eu*, deixando de lado o seu uso mais abrangente e genérico de um *eu-ampliado*. Tradicionalmente, Napoleão Mendes de Almeida (1963, p. 160) apresenta o valor básico do pronome *nós*: “plural do pronome *eu*, representando as pessoas que falam”.

Segundo Santos, Costa e Silva (2011, p.1) “o pronome *nós* corresponde à junção do pronome pessoal de primeira pessoa do singular *eu* + outra/outras pessoas do discurso”. Assim sendo, a gramática normativa estabelece que quando se utiliza o *nós*, o verbo passará para o plural, como por exemplo: *NÓS TEMOS água já aí.* (INFO 01, p. 01).

Cunha e Cintra (1972/1985) por sua vez, falam sobre o pronome *nós*-, encaixado nos pronomes pessoais, em que *nós* tem a capacidade de indicar quem fala – em primeira pessoa do plural – tendo *eu* como pronome singular correspondente. São chamados retos quando funcionam como sujeito da oração, opondo-se aos oblíquos empregados fundamentalmente como objeto.

Para Faraco e Moura (2000, p. 284 – grifos dos autores), o “[...] *nós* é pronome sujeito da 1ª pessoa do plural, representa *quem fala ou quem escreve - de quem parte o discurso.*”. O uso de *nós* também é considerado como opção do falante para evitar um tom impositivo decorrente de um maior uso de *eu*, caracterizando um plural de modéstia. Diante disso, ele passa a representar a possibilidade de expressão da primeira pessoa do singular *eu*, quando plural de modéstia, epode ser usado para que o falante se refira apenas a si mesmo ou a um grupo ao qual pertence.

Já Evanildo Bechara (2003, p. 164), em edição revista e ampliada da Moderna gramática portuguesa, simplifica dizendo que o “*nós* indica *eu* e mais outra pessoa ou outras pessoas, e não *eu+eu*”. Assim, percebemos que os gramáticos trazem posicionamentos similares no que concerne a definição acerca do pronome *nós*, quando colocam que esse pronome ocupa a função de primeira pessoa do plural, abarcando o *eu* e *outras pessoas* do discurso.

Entretanto, segundo Lopes (2003) está acontecendo uma reestruturação no quadro dos pronomes e, alguns, como no caso do *vós*, são usados raramente, enquanto outros estão sendo inseridos, a mencionar o *você* e o *a gente*.

## 2.2 A GENTE: breve histórico

Segundo Lopes (2003, p. 9) o “substantivo *gente* origina-se do substantivo latino *gēns, gēntis*: raça, família, tribo, o povo de um país, comarca ou cidade”. Constitui assim, um sintagma nominal que nomeia de forma coletiva, indeterminadora, mais ou menos geral, um agrupamento de seres humanos, identificados entre si por objetivos, ideias, qualidades, nacionalidade ou posição.

Omena (1986, *apud* Lopes, 2003) afirma que a forma *a gente*, originalmente usada como substantivo coletivo ou como forma indeterminadora, em referência a um grupo de seres humanos, passou, por extensão de uso, a ser empregada sempre com o artigo *a* para indicar a primeira pessoa do discurso. Havendo assim, mudança semântica e gramatical, conhecida como a gramaticalização da forma *a gente*.

Conforme Martelota, Voltre, Cezário (1996, p. 7) a gramaticalização pode ser compreendida como um processo

[...] unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento lingüístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática

Nesse sentido, no decorrer do processo de gramaticalização, o elemento vai perdendo traços lexicais e adquirindo novos empregos gramaticais, assumindo novas funções dentro da gramática. Como ratifica Gonçalves et al. (2007, p. 16 *apud* Lemos (2012, p.07), ao afirmar que a gramaticalização “[...] se instaura no momento em que uma unidade lingüística começa a adquirir propriedades de forma gramaticais ou, se já possui estatuto gramatical, tem sua gramaticalidade ampliada”. Assim, em certos contextos, o elemento gramaticalizado passa a assumir funções gramaticais, ou, continuam a desenvolver outras funções gramaticais.

De uma forma mais geral, Lemos (2012, p. 02) corrobora com os outros autores, dizendo que a “gramaticalização é um processo de mudança pelo qual uma palavra (ou construção) mantém sua estrutura silábica, mas muda seu valor semântico, é um léxico velho, que ganhou nova roupagem e se tornou novo, mais jovem dentro de uma sincronia e que passa

a integrar o sistema gramatical ou discursivo”. Desse modo, compreendemos que a gramaticalização é um processo de mudança que ocorre quando um item ou construção lexical antigo passa a se comportar como gramatical, adquirindo uma nova roupagem.

Perante as concepções acerca da gramaticalização elencadas pelos autores acima, buscaremos somente complementar o que já foi descrito sobre o processo histórico de pronominalização da forma *a gente*.

De forma geral, entendemos que o substantivo *gente* cristalizado na forma *a gente* passou a fazer parte do nosso sistema pronominal, como indicador de primeira pessoa do plural, em variação com o pronome *nós*. O Novo dicionário de língua portuguesa Aurélio (2010) nos diz que o *a gente* vai significar:

A(s) pessoa (s) que fala (m); eu, nós: 'De Jesus Cristo resta unicamente / um esqueleto; e a gente, vendo-o, a gente/ sente vontade de abraçar-lhe os ossos!' (Augustos dos Anjos, Eu, p. 110); 'E quando a gente volta à casa, um dia, / Vê trancada a janela e sorria / E lá na porta: 'Aluga-se esta casa'.' (Afonso Schmidt, p. 16)

Percebemos que o dicionário já vem trazendo a forma *a gente* como parte do conjunto dos pronomes, de maneira que abranja o *eu e o(s) outro(s)*. Alguns autores (LOPES, 2002; OMENA, 2003) afirmam que a implementação do *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro se iniciou entre os séculos XVII e XVIII, ainda que seu uso categórico só seja percebido a partir do século XX.

Comparando-se as ocorrências de *a gente* pronominal com as de *gente* substantivo, observa-se, segundo Lopes (2003), que somente no século XX o uso de *a gente* se confirma como pronome, apresentando características de sua gramaticalização. Antes disso, mais precisamente entre os séculos XVIII e XIX, o uso de *gente* como substantivo é mais significativo. Portanto,

no percurso histórico de *gente > a gente*, verificou-se que o processo de pronominalização do substantivo *gente* foi lento e gradual, uma vez que só foram localizadas ocorrências de *a gente* como pronome no século XVIII. Ressalta-se que, a partir do século XVI, localizaram-se mais intensamente exemplos em que a forma *a gente* apresenta ambiguidade interpretativa, ou seja, em que tanto pode ser considerada sinônimo de „pessoas” quanto variedade de nós”. (grifos da autora) (LOPES, 2003, p.73).

Quando, entretanto, as ocorrências de interpretação duvidosa são agrupadas às ocorrências de *a gente* pronominal, o perfil diacrônico da implementação da mudança de *gente > a gente* é mais nítido. Nas análises específicas de cada fase histórica, séculos XVII-XVIII, século XIX e século XX, identificou-se certa coincidência com relação aos fatores selecionados, tanto no período anterior quanto no posterior (LOPES, 2003).

Portanto, se pode afirmar, ainda que de forma preliminar, a mudança na forma nominal *gente* para a pronominal *a gente*, em que também percebemos que durante o processo de gramaticalização a expressão *a gente* passa a concorrer com uso do pronome *nós*.

### 2.2.1 O “a gente” nas gramáticas normativas

No que concerne à forma *a gente*, as gramáticas normativas não apresentam uma posição coerente e única. A classificação é, em geral, controvertida, pois ora consideram *a gente* como pronome pessoal, ora como forma de tratamento, ou ainda como pronome indefinido, comentando-a apenas em notas ou observações de rodapé. Vejamos:

GRAMÁTICAS	DEFINIÇÕES PARA FORMA A GENTE
Cunha e Cintra (1985)	“Fórmula de representação da 1ª pessoa [...]. “No coloquial normal, emprega-se <i>a gente</i> por <i>nós</i> ” (p. 288)
Almeida (1961)	“ <b>Pronomes de tratamento:</b> são assim chamadas as palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: <i>fulando, beltrano, sicranco, a gente, você</i> [...]” (p. 156)
Said Ali (1971)	Pronome indefinido (definição em nota de rodapé) (p. 116)

**Quadro1:** Definições para forma a gente

**Fonte:** LEMOS (2012)

Avaliando o quadro acima, notamos que os três autores conceituam, de forma diferenciada, o mesmo fenômeno. Enquanto Almeida e Said Ali (1971) tratam o *a gente* como pronomes de tratamento e pronome indefinido, respectivamente, para Cunha e Cintra (1985, p.288), o *a gente* consta entre as “fórmulas de representação da primeira pessoa, trazem uma definição mais voltada para o uso do *a gente* como variante do pronome *nós*.

Para Bechara (1999, p. 166), autor de uma das principais gramáticas do português, a utilização deste fenômeno é citado separadamente no tópico “observações”. O autor afirma que “o substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa.” (Grifos nossos). Sendo assim, para esse autor, o *a gente*, corresponde à junção do artigo *a* + *nome* e quando se escolhe a forma *a gente*, o verbo assume a forma de terceira pessoa do singular, não havendo marcação de desinência, como podemos observar em: *a gente dança-* / *a gente corre-*, no entanto esta concordância não está especificada no que se refere ao quadro dos pronomes, mas à concordância ideológica, como nos diz Bechara (1999, p.555), ao afirmar que “a palavra determinante pode deixar de concordar com a palavra

determinada para levar em consideração, apenas, o sentido em que se aplica”, ou seja, não há uma concordância gramatical entre os termos presentes na oração, todavia não deixa de ser compreendida pelo interlocutor.

Já Neves (2000) considera o uso da forma nominal *a gente* como pronome na expressão da linguagem coloquial, de forma que, parafraseando-a, diríamos que na linguagem coloquial a forma nominal *a gente* é empregada como um pronome pessoal.

Finalizando, Faraco e Moura (2000, p.284) discorrem, sobre a forma *a gente* como uma expressão à margem, pois é apresentada após a exposição do quadro dos pronomes pessoais canônicos e da explicação que esses se caracterizam ao representarem as três pessoas do discurso, sob novo título: “*a expressão a gente*”. O pronome não é reconhecido como tal e sim como *expressão*, parecendo ser algo que esteja estigmatizado, à parte.

Atualmente, percebemos que a maioria das gramáticas tradicionais tratam da inserção da forma *a gente* no quadro dos pronomes de forma incoerente, elas abordam a questão de forma superficial e indecisa, posto que as notações em sua maioria, não passam de notas de rodapé, e classificam o *a gente* em pronome pessoal ou de tratamento, sem dar relevância às mudanças inerentes a qualquer sistema linguístico (LOPES, 1999).

Portanto, o estudo acerca da inserção da construção *a gente* vem sendo realizado há mais de duas décadas e, mesmo assim, como é passível de observação, ainda há resistência por parte dos gramáticos em considerá-lo enquanto integrante do quadro pronominal do português do Brasil.

### 2.3 VARIAÇÃO DE “A GENTE” E “NÓS”

A alternância das formas *nós* e *a gente*, representando a primeira pessoa do plural, é comum entre os falantes do português brasileiro. A gramática normativa, entretanto, como já citamos, por raramente explicar fenômenos já consagrados na língua falada, apresenta, ainda, incoerências quanto à classificação e inserção da forma *a gente* no sistema de pronomes pessoais e considera o pronome *nós* como mero plural de *eu*, sem discutir o seu uso mais abrangente e genérico de um *eu-ampliado*.

Maria Mateus(1983, p.277)fala que o processo de pluralização "é um fator de ilimitação, não de multiplicação". As formas *nós* e *a gente* podem incluir, além do falante, o ouvinte e outras pessoas - o que Benveniste (1988) convencionou chamar de *eu-ampliado*. Percebemos que há um valor genérico, difuso e indeterminado na utilização das formas *nós* e *a gente*, que se reflete na própria desinência verbal, isto é, na questão da concordância.

Segundo Mendes (2007), essa alternância na expressão do pronome sujeito de primeira pessoa do discurso no plural é um fenômeno variável no português brasileiro que estabelece uma importante correlação com o processo de variação na concordância verbal. Os fenômenos variam de maneira direta na forma como são utilizados. Assim, o uso de *nós* acompanhado da desinência *-mos* e o *a gente* com desinência *zero* é algo mais valorizado dentro do contexto ao qual estamos inseridos, porém, observamos, principalmente na oralidade, a inversão ou falta no emprego dessa concordância.

No que tange a concordância, Bechara (2002, p.716) nos diz que “o verbo concorda com o sujeito explícito em pessoa e número [...] sujeito simples constituído por pronome pessoal: o verbo irá para a pessoa e número do sujeito explícito”. Então, segundo os gramáticos, quando utilizamos o pronome pessoal *nós* devemos flexionar o verbo para a primeira pessoa do plural e não para terceira pessoa do singular, como é o caso de quando usamos o sujeito *a gente*. Segundo a gramática normativa, talvez ocorra essa inversão porque o termo *a gente* é considerado sinônimo do termo *nós*, todavia cada um concorda com o verbo de maneira única, essa inversão é considerada por Tarallo (1986, p.5) como um processo que colabora na configuração do “caos linguístico”. Ele define que

[...] o ‘caos’ basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa (doravante chamadas ‘variantes linguísticas’) se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate de morte.

Isso nos infere a acreditar que essa inversão de papéis entre o *nós* e o *a gente*, em concordância com o verbo, nada mais é do que uma variação nos falares dos indivíduos. Pelo significado que é atribuído à palavra *gente*, como coletividade, grande quantidade, este passa a concorrer com o significado do pronome *nós*.

O caso do fenômeno *a gente* abarcar a *não-pessoa*, está expresso na forma verbal a ele, associada com tais pronomes, o verbo fica na 3ª pessoa do singular, que se caracteriza pela marca zero ou falta de desinência e é considerada como forma impessoal. A impessoalidade verbal incorpora-se na noção de amplitude em que as formas pronominais são empregadas, de forma que a utilização do *a gente* traz uma ideia de coletivo, pois apresenta desinência verbal ausente, chegando a ser mais utilizada do que a forma *nós*.

Já para Benveniste (1988), as categorias linguísticas trabalhadas na enunciação, entre elas a categoria de pessoa e o pronome pessoal *nós* é considerado como uma junção entre o *eu* e o *não-eu*, um *eu ampliado*. O autor afirmou ser *nós* uma expressão “mais ampla e difusa”,

justificando por que a forma pronominal no plural *nós*- pode substituir a forma no singular *eu* indicando um grupo indeterminado de pessoas, identificável ou não.

Estudos desde a década de 1980 (POPLACK, 1980; SCHIFFRIN, 1981; LEFEBVRE, 1981; OMENA, 1986; SCHERRE, 1988) já discutiam sobre essa possibilidade de variação e mudança entre os fenômenos que estavam se iniciando e que perdurariam até sua consolidação no uso da língua, em que as duas formas convivem em uma mesma situação, todavia, havendo uma sobreposição de uma sobre a outra.

Conforme Silva e Paiva (1996, p.367), esse fenômeno da alternância entre as formas *nós* e *a gente* "aponta efetivamente para uma variação envolvendo uma mudança", no qual, gradativamente, a forma inovadora tem ocupado os espaços da forma mais antiga *nós*, principalmente em contextos de fala espontânea.

Percebemos assim, que a mudança não se refere à troca direta e abrupta de um elemento por outro, mas envolve sempre uma fase de concorrência. Da variação entre duas formas para a codificação de uma mesma função/significação, uma pode se fixar na função tornando a outra obsoleta, embora nem sempre seja esse o caso, visto que, o fenômeno abordado nessa pesquisa com um *corpus* de 1996, se apresenta em um duelo de contemporização.

### 3 SOCIOLINGUÍSTICA: teoria e método

A sociolinguística é uma ciência que está ganhando cada vez mais espaço no Brasil e no mundo, a partir de suas pesquisas sobre o vernáculo das comunidades. Essas pesquisas são relevantes para o desenvolvimento da língua, pois através delas podemos conhecer toda a heterogeneidade que permeia a língua, além de estudar aspectos que são considerados essenciais, como língua e sociedade e a interrelação inerente das duas. Tendo em vista, que essa interrelação, influencia direta/indiretamente na utilização do vernáculo por parte dos indivíduos, através de diversos fatores, tanto linguísticos quanto sociais. Assim, partimos da conjectura de que a sociolinguística busca analisar a língua vernácula, utilizada em tempo real, dentro de sua sincronia, buscando responder questões relacionadas à variação e mudança linguística.

#### 3.1 POSTULADOS

A sociolinguística é uma vertente da linguística que analisa a língua utilizada nos grupos de fala dentro da sociedade, como nos afirmam Cezario e Votre (2010, p. 141): “A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura lingüística e os aspectos sociais e culturais da produção lingüística.”. Assim, a sociolinguística estuda a língua atribuída aos fatores linguísticos e sociais. Nessa perspectiva, Mollica e Braga (2004, p. 09) nos dizem que:

a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos lingüísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos lingüísticos concretos, em especial de caráter heterogêneo.

Para Tarallo (1986, p. 07) “podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana.”. Diante disso, entendemos que a sociolinguística se diferencia das outras áreas linguísticas por ser uma ciência que prioriza os estudos sobre a variação e mudança da língua.

A sociolinguística parte do ponto de vista de que qualquer dizer de qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. As línguas, desse modo, são um aglomerado de níveis de expressão, atestando que nenhuma comunidade é inteiramente homogênea. De fato, cada falante é, ao mesmo tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara. Assim:

Na perspectiva da Sociolinguística, o ser humano é por natureza plurilíngue (usa diversas línguas). E mesmo quando usamos nossa língua, esta se apresenta de diversos modos: por exemplo, em casa, usamos o idioma familiar; na escola, modificamos o nosso modo de usar a língua e interagimos com outras pessoas, colegas e professores, que trazem modos de usar ‘a língua diferente do nosso. (CAVALCANTE, s/d, p.4)

De fato, usamos várias “modalidades da língua” a depender da situação a qual estejamos inseridos, o modo que uma pessoa usará para dialogar de uma forma descontraída com os amigos não será o mesmo usado quando ela estiver apresentando um trabalho em uma conferência nacional ou em uma reunião com o chefe.

Assim é que, para Santos (2011, p. 2) “a sociolinguística se preocupa com a língua falada no cotidiano, mas não descarta ou estigmatiza as demais modalidades da língua, [...]. O que interessa à sociolinguística variacionista é a descrição das variações linguísticas.”. Isso significa que, os estudos sociolinguísticos têm como principal objetivo estudar as variações linguísticas, compreender os complexos padrões de interação entre língua, cultura e sociedade. Assim, a sociolinguística preocupa-se com a língua falada e reconhece-a como dinâmica, heterogênea, instável, variável e que se constrói, desconstrói e reconstrói constantemente.

Para Pessoa:

[...] a Sociolinguística pesquisa seguimentos sociais que constroem e caracterizam a realidade e/ou o futuro lingüístico de um povo, ao mesmo tempo em que busca compreender os fatores de variação e mudança lingüística, analisando e divulgando as características da Linguagem, da Cultura e da Sociedade pesquisada. Nesse sentido, podemos afirmar que a Sociolinguística dá conta das pesquisas sobre: Linguagem e Língua; Linguagem e Preconceitos; Linguagem e Sociedade; Linguagem e Poder; Linguagem e Ensino; Linguagem e qualidade de vida; Linguagem e Atitudes Lingüísticas; Linguagem e Percorso Lingüístico. Podemos, então, afirmar que os estudos Sociolinguísticos são os instrumentos que descrevem uma comunidade lingüística e sua história. (PESSOA, s/d, p.2)

Então, a autora nos reafirma que os estudos sociolinguísticos buscam descrever as variações existentes na língua falada de cada sociedade, visto que, na grafia essas variações não são tão visíveis, todavia, apesar de termos uma escrita imposta como padrão, nela já se apresentam reflexos da oralidade. A linguagem escrita é repleta de normas estilísticas, sintáticas e semânticas as quais devemos obedecer, já, a língua falada não segue rigorosamente essas normas, estando em constante transformação, e essa transformação ocorre tão rapidamente que nós, os falantes dessa língua, nem percebemos. Ela possui variações que são particulares de cada comunidade, de cada cultura, particularidades essas

que fazem parte da construção de suas histórias, de forma que, os estudos sociolinguísticos abrangem tudo que está relacionado à língua a partir das influências sociais.

A língua é um elemento de interação próprio de uma sociedade. Como a sociedade - que compreende todos os tipos de pessoas, diferentes entre si, com suas particularidades e singularidades -, a língua é heterogênea, nunca é igual e estagnada. Conforme Tarallo (2003, p.19), “a língua falada está totalmente inserida e inter-ligada à sociedade. Não há sociedade sem língua e nem língua sem uma sociedade para que esta se manifeste”. Nessa perspectiva, a língua é um instrumento de interação social e assim é que deve ser pesquisada.

A língua e a sociedade estão interligadas de tal maneira que uma não existe sem a outra, ambas apresentam heterogeneidade e particularidades que condicionam os falares da população.

Nas grandes civilizações, a língua é o suporte de uma dinâmica social, que compreende, não só as relações diárias entre os membros da comunidade, como também uma atividade intelectual que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação em massa, até a vida cultural, científica ou literária [...]. A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. (PRETI, 1987, p. 2).

Diante do exposto, percebemos, atualmente, que a língua é o suporte de uma dinâmica social não somente nas grandes civilizações, mas na sociedade como um todo. A língua serve como suporte para estabelecer as comunicações entre os membros da comunidade, mesmo que de forma variada. Neste sentido, Marcos Bagno (2001) afirma que:

Se emprendermos uma grande viagem pelo Brasil, de Norte a Sul e Leste a Oeste, recolhendo os modos de falar das pessoas de todas as regiões, de estados, das principais cidades, da zona rural etc, vamos perceber que podem ser fonéticas, sintáticas, morfológicas, lexicais, semânticas, pragmáticas... Há muita semelhança, também, mas são as diferenças que chamam mais a atenção e que permitem classificar esses variados modos de falar. (BAGNO, 2001, p. 42)

Dessa forma, os modos de falar diferem de acordo com o contexto ao qual o usuário esteja inserido, e mesmo assim, não significa que todos os falantes de uma mesma localidade se expressem do mesmo modo, devido a fatores linguísticos e extralinguísticos.

A língua é um balaio de variedades, existe um português padrão, que é a variedade culta, oficial usada na literatura, nos meios de comunicação, nas leis e decretos do governo, ensinados nas escolas, explicadas nas gramáticas, definida nos dicionários. Existe também o português não-padrão que forma este balaio, apresentando suas variedades de acordo com as diferenças geográficas, classes sociais, faixas etárias, níveis de escolarização em que encontram as pessoas que a falam. (BAGNO, 2001, p. 27)

Entendemos, assim, que há modos diferentes de se comunicar através de uma única língua, isso ocorre por motivos diversos e estes podem ser de ordem política, social e cultural. Os falantes de uma determinada comunidade procuram meios comuns de usarem a língua,

com o objetivo de facilitar a comunicação. Serafim da Silva Neto (1986) nos fala sobre o princípio da língua, em que esta, é a unidade dentro da diversidade. Sendo assim, independentemente do idioma a ser pesquisado, percebemos existir uma diversidade de falares dentro de um mesmo sistema linguístico.

Por isso é que não devemos tratar a língua como algo instável e unitário “a língua é um produto social [...] por ser social está condicionada a variedade de usos, uma vez que vivemos numa comunidade heterogênea” (ANDRADE, 2007, p. 01). Como ocorre no Brasil, que, apesar de ter um único sistema linguístico, apresenta significativas diferenças regionais, que analisa a relação entre a língua e a sociedade e a partir dessa relação, podemos ver o estudo da língua como algo que é, ao mesmo tempo, linguístico e social, observando as diferentes formas linguísticas como variantes que coexistem em um meio social.

Dessa maneira, todas as línguas variam, ou seja, não há nenhuma comunidade em que todos falam de forma homogênea (TARALLO, 1986). Assim, a língua é vista na perspectiva sociolinguística como fenômeno social, que por sua vez, é caracterizada pela heterogeneidade e variabilidade. Sendo que em cada comunidade de fala ocorre o uso de formas linguísticas variadas.

### 3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA NO BRASIL

Os estudos a luz da sociolinguística se iniciaram no Brasil antes mesmo da década de 60 com alguns estudos iniciais, que atualmente são considerados por alguns autores como trabalhos voltados para a área da Dialectologia, pesquisas de variação no português brasileiro. Em meio a esses estudos, Scherre (1994) faz referência ao trabalho de Amadeu Amaral (1920) sobre o dialeto caipira; Clóvis Monteiro (1933) e o de Mário Marroquim (1945) sobre o português popular do nordeste; o de Antenor Nascente (1953) sobre o linguajar carioca. Essas são pesquisas iniciais com caráter menos teorizado, mas que já contribuíram para dar o “ponta pé” inicial para o surgimento de pesquisas na área da sociolinguística.

Em seguida, aparecem alguns estudos dialetológicos, que tinham o propósito de registrar a fala de pessoas com pouca escolarização e, principalmente, de áreas rurais. Esses estudos iniciais desenvolvem-se por meio dos atlas publicados, que tratam da língua falada em comunidades analisadas, a partir de recortes regionais. Tais publicações foram mais extensas e detalhadas, se comparadas com os primeiros estudos das décadas anteriores, Scherre (1994) cita: —O atlas prévio dos falares baianos (ROSSI, 1963), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (ZÁGARI et al., 1977), Atlas Linguístico Sonoro do Pará

(RAZKY, 2004), dentre outros. Sendo que atualmente encontra-se em fase de desenvolvimento o Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., em execução), o qual abrange alguns estados do Brasil, a citar: Bahia, Ceará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná e Rio Grande do Sul.

A partir dos anos 60, através do aporte teórico da Sociolinguística, alguns projetos são desenvolvidos: Norma Urbana Culta - NURC (ROSSI, 1969); Competências Básicas do Português (NARO; LEMLE, 1977); Programa de Estudo sobre o Uso da Língua – PEUL(NARO, 1980); Confluência Dialectal na Nova Capital Brasileira (BORTONI, 1984); Gramática do Português Falado (CASTILHO, 1990); Análise Contrastiva de Variedades do Português- VARPORT (BRANDÃO e MOTA, 2000); Programa para a História da Língua Portuguesa -PROHPOR (MATTOS E SILVA, 1996); Programa para a História do Português Brasileiro -PHPB (CASTILHO, 1997); A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano (ALMEIDA; CARNEIRO, 1998); Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia – VERTENTES(LUCCHESI, 2001). Existem também alguns grupos de pesquisa espalhados pelas universidades do país, que segundo Cezário e Votre (2008) seguem os pressupostos teóricos metodológicos da sociolinguística, a citar: o projeto de Variação Linguística da Região Sul do Brasil (Varsul) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Muitos outros grupos de pesquisa estão se organizando e colaborando para o campo da sociolinguística, apresentando dados que tem demonstrado e comprovado o caráter plural e polarizado no nosso português brasileiro.

Em virtude deste território em que a sociolinguística está ocupando, percebemos que todos esses estudos realizados no Brasil, contribuem para o desenvolvimento da língua a qual usamos, principalmente por já compreendermos que ela não é estática e está em constante mutação, variando e trazendo mudanças significativas ao vernáculo.

### 3.3 O MÉTODO DA SOCIOLINGUÍSTICA QUANTITATIVA VARIACIONISTA

O método a ser seguido nessa pesquisa pertence à sociolinguística variacionista, conhecida também como Teoria da Variação e Mudança ou Teoria Laboviana. Trata-se de um modelo teórico metodológico que assume como objeto de estudo o que Tarallo (1986) chama de “caos” linguístico, entretanto, alguns autores afirmam haver uma sistematicidade na língua e não um caos. Segundo Cezario e Votre (2010, p. 141-142)

A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver a regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunidade do dia-a-dia [...] possui uma metodologia bem delimitada que fornece ao pesquisador ferramentas para estabelecer variáveis, para coletar e codificar dados, bem como instrumentos computacionais para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar.

Este “caos” linguístico trazido pelos autores, também destacado por Tarallo (1997, p. 5), é comparado a um “um campo de batalhas em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa [...] se enfrentam em um duelo de contemporização [...]”, considerando o “caos” linguístico como o objeto de estudo da teoria. Podemos assim, analisar, que este “caos” seja uma característica inerente a língua.

Buscar a regularidade e a sistematicidade por trás deste “caos” é um dos objetivos da sociolinguística. Para atingir seus objetivos ela possui uma metodologia claramente delimitada que propicia ao pesquisador ferramentas para estabelecer variáveis, coleta, codificação e análise de dados. Percebemos, que a sociolinguística possui como método de análise da língua em condições informais e Tarallo (1986, p.18) nos afirma isso quando fala que “o modelo teórico - metodológico da sociolinguística parte do objeto bruto, não polido, não aromatizado artificialmente.” De forma simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.

Dessa forma, a pesquisa variacionista tem como um dos objetivos, quantificar dados de eventos que aconteçam no cotidiano, de forma natural, observando aspectos heterogêneos que ocorrem na língua, pois sabemos que para os sociolinguistas a língua varia e muda constantemente. Assim, a língua passa a ser entendida como heterogênea, e é essa heterogeneidade que, de acordo com a sociolinguística quantitativa pode e deve ser sistematizada: analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala são os principais objetivos da pesquisa sociolinguística.

Segundo Tarallo (1986), Willian Labov é considerado o iniciador desse modelo de pesquisa, pois, é a partir dos estudos de Labov que o modelo formalista proposto por Saussure ganha o elemento chave, o componente social, a relação da sociedade com a estrutura da língua, passa-se a deter o foco na *parole*. O autor ainda informa que esse modelo é conhecido, também, como Sociolinguística Quantitativa, por trabalhar com números e tratamento estatístico dos dados coletados. Dessa forma, ao discorrermos sobre a sociolinguística, é necessário destacarmos o trabalho de Labov (2008) que, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual

e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada (TARALLO, 1986, p. 7). Essa relação hoje torna-se essencial quando se busca um novo conceito sobre língua.

Segundo Tarallo (1986) o primeiro trabalho de Labov ocorreu, no ano de 1963, foi um estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts. Labov, nessa pesquisa, relacionou fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico dos nativos da ilha, no que se referia à pronúncia de determinados fones do inglês (as vogais dos ditongos [ay] e [au]), ao qual se seguiram estudos sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova York (1966).

Nesse trabalho, Labov observou a ocorrência da centralização das vogais dos ditongos, fato que manifesta herança fonética dos colonos Yankees, do século XVII. O uso centralizado dos referidos ditongos era a maneira de determinados moradores se reafirmarem como nativos, rejeitando a pressão social feita pelas culturas dos visitantes e veranistas. O uso da variante padrão revelaria, por parte de outros, sentimento de insatisfação, seja pela vontade de deixar a ilha ou pela vontade de que ela evoluísse e se equiparasse a outras cidades norte-americanas. Para Labov, a variante estigmatizada dos falantes nativos seria um comportamento linguístico demarcador de sua identidade social. Seguiram-se outras pesquisas tais como o estudo sobre o inglês dos adolescentes negros do Harlem, sobre a estratificação social da língua falada em Nova York entre outros, assim iniciando uma forma mais rigorosa de analisar a variação.

Percebemos que a sociolinguística que Labov propõe é aquela com o propósito de estudar a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade e tem como principal objetivo analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala.

### **3.1.1 Variantes e variáveis**

A sociolinguística tem em muito contribuído para a análise de uma língua mais real. A partir do seu aparato teórico-metodológico, é possível “[...] enfrentar o desafio de tentar processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada.” (TARALLO, 1986, p. 5), contribuindo para discussões de aspectos que por muito tempo foram excluídos dos estudos tradicionais da língua, uma vez que agora se busca uma abordagem do que tange a diversidade linguística.

O uso que o falante faz da língua não é aleatória, mas sim regulada por um conjunto de regras linguísticas e extralinguísticas que funcionam para favorecer ou desfavorecer o uso de

uma ou de outra forma em cada contexto. Segundo Cesário e Votre (2010, p. 141), “[...] a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam.” Desse modo, podemos imaginá-la como uma instituição viva, pois tendo em conta que a história se constrói dia a dia, às circunstâncias variam de acordo com o contexto e a cultura a cada geração, a língua inerente ao ser humano não poderia ser, nem estática, nem estável.

Para Labov (2008) toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação, para em seguida ocorrer a mudança. Como a mudança e a variação estão estritamente relacionadas, é muito difícil estudar uma sem a outra. Portanto, para que haja mudança, é necessário que, em um dado período, uma variável tenha sofrido algum tipo de modificação ou variação. Entretanto, cabe ressaltar que o fato de existir mais de uma forma com o mesmo valor de verdade, não significa que houve, há ou haverá necessariamente mudança.

Assim, segundo os pressupostos da sociolinguística variacionista, baseados nos princípios teóricos de Labov [1972], as variantes podem permanecer em um sistema linguístico durante um determinado período de tempo, havendo, assim, a coexistência de duas ou mais formas distintas, que possuem o mesmo significado, dentro de um único sistema. Quando uma das formas desaparece ou é substituída por outra, restando apenas uma, caracteriza-se, então, o fenômeno da mudança linguística.

A mudança linguística pode ser entendida e analisada a partir das transformações porque passa a língua em seu uso. E para compreendermos como se caracteriza uma determinada variação, de acordo com as propriedades da língua, é necessário verificar sua posição social, se é positiva ou negativa, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição se acham em processo de mudança, para isso é fundamental uma investigação do ponto de vista da variação linguística.

A variação linguística constitui um fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Tarallo (1986, p. 08) afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade". Entendemos, então, por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável e que tem valor semelhante a uma ou mais concorrentes.

O termo “variável”, por sua vez, pode significar fenômeno em variação ou grupo de fatores, os quais são considerados os parâmetros que regulam os fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes. As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas permanecem se alternando) durante um período curto ou longo de tempo, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas deixa de ser usada. Neste caso, as formas substituem outras que desaparecem, constituindo, assim, uma mudança em progresso.

Este fenômeno ocorre por existir no quadro pronominal brasileiro, além das formas abonadas pela gramática normativa, um processo de inserção de uma nova construção, concorrente com o pronome de primeira pessoa do plural *nós*, o *a gente*, tal qual indica Furtado (s/d, p. 3), “a língua em si dispõe de duas ou mais formas variantes que podem ser usadas pelo falante sem grandes alterações na mensagem transmitida”. Conforme observamos, há na língua modos alternativos de dizer a mesma coisa, sendo esses modos portadores do mesmo significado referencial que podem ser usadas pelo falante sem grandes alterações na mensagem emitida.

Podemos observar essa situação no nível do discurso, visto que, o falante pode decidir qual forma de tratamento variante usar (*nós/a gente*). É importante salientar que essas variações podem ser de ordem interna ao sistema linguístico (fatores estruturais) como fonomorfo-sintático, semântico, discursivos e lexicais ou de ordem externa (fatores sociais) como etnia, sexo, escolaridade, classe social, de uma região para outra. Percebemos assim, que as variações não são aleatórias e se constroem a partir dos fatores que nelas possam interferir.

Baseando-se então na possibilidade de sistematizar a heterogeneidade das línguas, a sociolinguística leva em conta, além de fatores linguísticos, fatores externos à linguagem que poderiam estar regulando a variação e a mudança linguística. Sendo assim, Segundo (MOLLICA,2008 p.11)

Cabe à sociolinguísta investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos. Vale dizer, os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou de fora dos sistemas linguísticos.

Assim, nessa perspectiva, advoga-se que a língua é variável e mutável, e, sendo essa variabilidade/mutabilidade sistemática e regular, é possível ser tomada como objeto de

investigação pela Linguística. E, para explicar essa heterogeneidade, é necessário recorrer-se à estrutura social em que ela se insere.

Já sabemos que a variação não ocorre aleatoriamente, e diversos são os fatores que podem contribuir para que uma ou mais formas de falar possa coexistir no sistema linguístico de uma determinada comunidade, dentre esses fatores encontramos os linguísticos e os extralinguísticos.

Os fatores linguísticos são inerentes à língua e ao seu sistema organizacional. Weinreich (1974, p. 5) define os fatores linguísticos como aqueles que provêm da organização das formas linguísticas no interior de um sistema definido, diferentes em cada idioma e em grau, independente da experiência e do comportamento não-linguísticos dos falantes. Segundo Bagno (2007) a variação a partir de fatores linguísticos se apresenta quando ocorre variação fonético-fonológica: pense em quantas pronúncias você conhece para o /R/ da palavra PORTA no português brasileiro.

Os processos de variação podem ser compreendidos através de alguns segmentos:

**VARIAÇÃO MORFOLÓGICA:** as formas PEGAJOSO e PEGUENTO exibem sufixos diferentes para expressas a mesma ideia;

**VARIAÇÃO SINTÁTICA:** nas frases UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL / UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL DELA / UMA HISTÓRIA CUJO FINAL NINGUÉM PREVÊ, o sentido geral é o mesmo, mas os elementos estão organizados de maneiras diferentes;

**VARIAÇÃO SEMÂNTICA:** a palavra VEXAME pode significar “vergonha” ou “pressa”, dependendo da origem do falante;

**VARIAÇÃO LEXICAL:** as palavras MIJO e URINA se referem todas à mesma coisa;

**VARIAÇÃO ESTILÍSTICO-PRAGMÁTICA:** os enunciados QUEIRAM SE SENTAR, POR FAVOR e VAMO SENTANO AÍ, GALERA correspondem a situações diferentes, de interação social, marcadas pelo grau maior ou menos de formalidade do ambiente e de intimidade, entre os interlocutores, e podem inclusive ser pronunciados pelo mesmo indivíduo em situações de interação diferentes. (Grifos do autor) (BAGNO, 2007, p. 39-40)

Os fatores extralinguísticos são os que ocorrem fora da língua, tais como etnia, sexo, escolaridade, classe social, de uma região para outra, “derivam do contato do sistema linguístico com o mundo exterior, da familiaridade de certos indivíduos com o sistema e com os valores simbólicos os quais o sistema como um todo é capaz de adquirir e das emoções que isto evoca” (WEINREICH, 1974, p. 5). Desse modo, notamos que uma variante pode ser pronunciada diferentemente por interferência de fatores que estão interrelacionados à língua, mas que são sociais. Dentre os fatores sociais Bagno (2007) nos traz algumas considerações acerca de seis, que são:

**ORIGEM GEOGRÁFICA:** a língua varia de um lugar para o outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um

mesmo estado etc; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa.

**STATUS SOCIOECONÔMICO:** as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;

**GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO:** o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos;

**IDADE:** os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;

**SEXO:** homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;

**MERCADO DE TRABALHO:** o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este os mesmos de um cortador de cana;

**REDES SOCIAIS:** cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com que convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico. (BAGNO, 2007, p. 43-44)

Com base na relação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos, percebemos que a variação linguística passa, então, a ser vista como um fenômeno inerente a todas as línguas humanas. E essa variação, que é motivada tanto por fatores do sistema linguístico quanto na sociedade, deve ser investigada a partir do pressuposto de que há um imbricamento entre fatores linguísticos e sociais, que determinam a natureza do fenômeno. Estudar, pois, só um dos tipos de fatores resultaria numa análise imprecisa e parcial.

Dessa forma, é considerada incontestável a importância da sociolinguística como vertente teórica capaz de oferecer ferramentas para o estudo de fenômenos variáveis nos diversos níveis da língua, sejam eles linguísticos ou sociais.

## 4 USO E VARIAÇÃO DOS PRONOMES SUJEITOS *NÓS* E A *GENTE* NA REGIÃO PIEMONTE DA CHAPADA E CHAPADA DIAMANTINA: contextualização e análise dos dados

### 4.1 TRATAMENTO DE DADOS, AMOSTRAS E PROCEDIMENTOS

O *corpus* deste trabalho é constituído de dados coletados em amostras da língua falada na zona rural Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina) e na zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina), no interior do estado da Bahia. Estas entrevistas fazem parte da Coleção Amostras da Língua Falada no Semi-árido baiano (2008), organizada pelas pesquisadoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, da Universidade Estadual de Feira de Santana.

As amostras selecionadas contemplam cada uma 12 entrevistas, dois indivíduos de cada sexo, com três faixas etárias, totalizando 24 inquiridos, com pessoas residentes nessas duas localidades, dos quais foram selecionados levando-se em consideração os seguintes aspectos:

- Terem nascido na localidade pesquisada ou Micro região;
- Serem filhos de pais da região linguística em estudo;
- Distribuídos em três faixas etárias (de 1 até 30 anos; de 31 a 57 anos; e de 58 anos acima);

Assim, a amostra de dados selecionada nesta pesquisa se apresenta da seguinte forma:

**Tabela 1:** Descrição da população em estudo

PIEMONTE DA DIAMANTINA						CHAPADA DE DIAMANTINA					
POVOADO DE PIABAS Zona rural de Anselino da Fonseca						POVOADO DE BANANAL/BARRA DOS NEGROS Zona rural de Rio de Contas					
MASCULINO			FEMININO			MASCULINO			FEMININO		
Faixa I	Faixa II	Faixa III	Faixa I	Faixa II	Faixa III	Faixa I	Faixa II	Faixa III	Faixa I	Faixa II	Faixa III
<i>JSR</i>	<i>FLO</i>	<i>MLS</i>	<i>CS</i>	<i>NCC</i>	<i>UML</i>	<i>A</i>	<i>MR</i>	<i>J</i>	<i>IPS</i>	<i>MSC</i>	<i>MJS</i>
<i>AJ</i>	<i>MP</i>	<i>MTS</i>	<i>RS</i>	<i>JFS</i>	<i>J</i>	<i>DL</i>	<i>EMS</i>	<i>AJ</i>	<i>JIS</i>	<i>AVN</i>	<i>MIS</i>

Como encontramos os inquiridos já transcritos, observamos que as entrevistas procuram ser o mais informal possível, na busca de diversas ocorrências da língua oral. Assim, procuramos fazer a codificação destes dados, na busca pela ocorrência do uso e

variação dos pronomes – sujeitos *nós* e *a gente* -, em seguida, fizemos o tratamento quantitativo utilizando o programa computacional GOLDVARB X. Esse instrumento gera os dados finais, em porcentagens e pesos relativos, e apresenta o nível de confiabilidade dos dados fornecidos por ele. Através da utilização desse programa, é possível a apresentação de pesos relativos aos diversos fatores dos grupos apontados como significantes a análise. Além disso, é possível também, obter o nível de relevância do grupo para o fenômeno analisado.

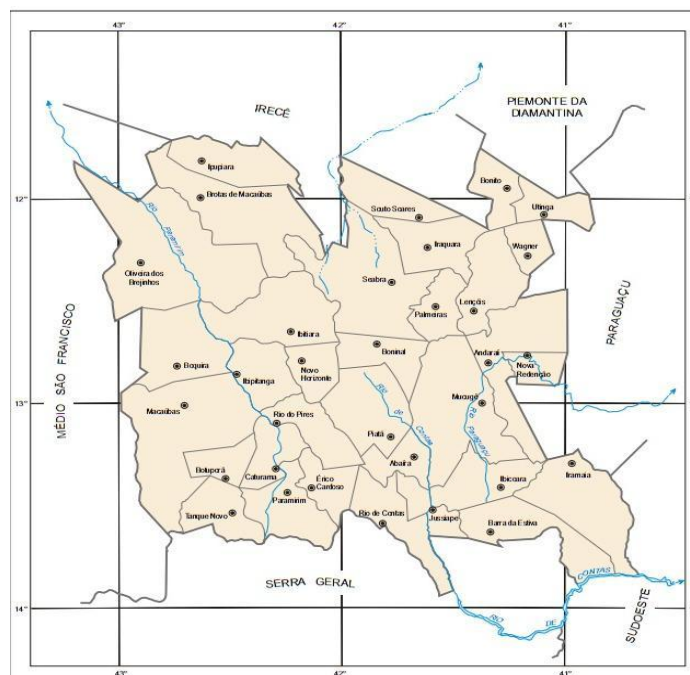
Neste trabalho, faremos uso da metodologia da Sociolinguística Variacionista, procurando examinar se as variáveis extralinguísticas - gênero, faixa etária e localidade - e linguísticas - concordância e tempo verbal -, condicionam a escolha das formas pronominais variantes *nós* e *a gente*, na representação da primeira pessoa do plural, objeto de estudo desta pesquisa.

#### 4.1.1 Amostragem

Os locais seleccionados como amostragem da pesquisa são os povoados Anselino da Fonseca e Rio de Contas, respectivamente, regiões pertencentes ao Piemonte da Diamantina e à Chapada Diamantina. Os mapas abaixo demonstram melhor a localização:

**Mapa1:**

Estado



Região

Econômica

Piemonte da Diamantina –  
da Bahia



Como já foi citado anteriormente, os dados dessa pesquisa foram retirados da Coleção Amostras da Língua Falada no Semi-árido baiano (2008), organizada em um conjunto de CD's, pelas pesquisadoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, da Universidade Estadual de Feira de Santa. Os informantes selecionados pertencem aos povoados de Piabas e Bananal/Barra dos Negros. A partir dessas duas amostras procuramos analisar a incidência das variantes *nós* e *a gente*, através da análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam na utilização dessas variantes.

#### 4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Dentre os falantes do português brasileiro, a alternância nas formas *nós* e *a gente*, enquanto representação de sujeito, é de uso comum, como podemos perceber a partir da análise de dados a serem expostos.

Os fatores linguísticos observados engloba à concordância verbal e ao tempo verbal. Quanto aos fatores sociais, por se tratarem de informantes com baixo nível escolar (a maioria estudou somente até a 5ª série), focaliza se somente a faixa etária, a localidade e o gênero interferiram a variação do fenômeno em análise. Assim, observaremos, a partir dessa análise, quais desses fatores mais influenciam no uso das variantes *nós* e *a gente*.

A tabela abaixo representa a incidência total do uso de *nós* e *a gente*, pelos representantes da comunidade rural de Anselino da Fonseca e de Rio de Contas, do interior do estado da Bahia.

Os dados levantados acerca dos pronomes *nós* e *a gente* somaram-se em um total de 1.103 ocorrências, das quais 285 (25,8%) são casos de *nós* e 818 (74,2%) são casos de *a gente*. Diante disso, as ocorrências de *a gente* representam o dobro das ocorrências de *nós*.

Fatores	Número de ocorrências/Total	%
Nós	285/1103	25,8
A gente	818/1103	74,2

**Tabela 2:** Total de ocorrências das variantes *nós* e *a gente* nas comunidades Piaba/Bananal.

Podemos, então, considerar que existe um processo de variação linguística, que permite o uso maior da variante *a gente*, cuja incidência chega a 74,2% das realizações de *nós*

e *a gente*, com aparente mudança em progresso, todavia não consolidada, já que existe 25,8% de uso do pronome *nós* entre os informantes das comunidades analisadas.

Com esse resultado, confirmamos ainda outras pesquisas (OMENA, 1996; LOPES, 1997; BOTASSINI, 1998; TONIOLI e BARUFFALDI, 2007), que têm apontado para o uso cada vez mais frequente do pronome *a gente* em substituição ao *nós*.

#### 4.2.1 Variáveis Sociais

Com relação às variáveis sociais, este subitem apresenta resultados dos fatores localidade, gênero e faixa etária, que condicionam na escolha do pronome a ser utilizado nas conversações por parte dos informantes. Dentre os fatores selecionados, procuramos notar se todos influenciam de forma explícita ou implícita nas ocorrências de uso dos pronomes *nós* e *a gente*.

##### 4.2.1.1 Localização das amostras

Inicialmente, estudamos o fator extralinguístico localidade como possível condicionador da alternância, haja vista abordarmos cidades de diferente formação étnica e *status* social-econômico.

FATORES	Número de ocorrências/Total				
	Nós	%	A gente	%	Peso Relativo
<b>Amostra(A) Anselino da Fosenca</b>	111/303	36.6	192/303	63.4	.38
<b>Amostra (B) Rio Contas</b>	174/800	21.8	626/800	78.2	.54

**Tabela 3:**Ocorrência do *nós* e *a gente*, conforme procedência geográfica.

Quanto aos dados frequenciais gerais do uso de *nós* e de *a gente* em cada localidade, foi possível verificar que Rio de Contas apresenta o maior índice de uso de *a gente*, com 78,2%, e Anselmo da Fonseca com 63,4%. Diante do peso relativo (.54), gerado pelo GOLDVARB X, podemos apontar que a comunidade de Rio de Contas apresenta maiores índices no uso da forma pronominal *a gente*. Supomos que não sejam as diferenças étnicas que nos mostram como cidade que mais usa a forma inovadora *a gente* (doravante usaremos *cidade inovadora* com esse sentido) e como a que mais conserva o uso de *nós* (doravante usaremos *cidade conservadora* com esse sentido), porém, acreditamos que a constituição

socioeconômica e cultural de cada cidade seja o fator que interfira de forma mais contundente no comportamento das frequências de uso.

#### 4.2.1.2 Gênero

Estudos sobre a variável gênero têm revelado que, embora não existam linguagens distintas para homens e para mulheres, esses apresentam comportamentos linguísticos diferenciados, conforme nos informa Oliveira (1995, p.7): “Se, por um lado, é verdade que em nenhuma sociedade ou língua há ‘linguagens’ separadas para homens e mulheres, por outro lado, a preferência por certos empregos, em função do sexo, parece estar presente em algumas línguas”.

Ao observarmos esse fator, procuramos verificar se, nesta pesquisa, há comportamentos linguísticos suficientemente diferenciados entre homens e mulheres que permitam fazer algumas considerações sobre quem utiliza mais frequentemente as formas “padrão” ou de “prestígio”, quem tende a usar mais formas “inovadoras”.

A tabela a seguir, exhibe a distribuição dos pronomes *nós* e *a gente*, conforme a variável extralinguística gênero.

Fatores	Número de ocorrências/Total			
	Nós	%	A gente	%
<b>Masculino</b>	129/474	27,2	345/474	72,8
<b>Feminino</b>	156/629	24,8	473/629	75,2

**Tabela 4:** Ocorrência do *nós* e *a gente*, conforme gênero.

Os dados mostram que os homens utilizam mais o pronome *nós* do que as mulheres: são (27,2%) realizações masculinas, contra (24,8%) femininas. As mulheres, por sua vez, preferem a variante inovadora *a gente*: 473 registros (75,2%), contra 345 masculinos (72,8%), confirmando os resultados obtidos por Monteiro (1994) e por Lopes (2003).

Esses dados trazem indícios de que a variante *a gente* está cada vez mais sendo aceita e utilizada pelas pessoas, pois, mesmo sendo requerida mais constantemente pelas mulheres, os homens também a utilizam de maneira expressiva. Já a variante padrão é realizada com menos frequência pelas mulheres, mostrando que o sexo masculino é mais conservador que o feminino em relação à aplicação da regra variável.

Podemos observar que mesmo os homens utilizando mais o pronome *nós* em detrimento das mulheres. Todavia não há uma grande discrepância no uso do *a gente* visto que, para as mulheres, a opção pela utilização de *a gente* é de 75,2% de registros ,contra 72,8% de usos pelos homens, conforme se pode verificar na tabela acima. Percebemos assim, a diferença percentual diante da escolha da variante de primeira pessoa do plural pelas mulheres em comparação com a opção masculina foi praticamente neutra (2,3%).

Labov (2008) destaca que a fala monitorada da mulher é a que mais se assemelha à forma padrão, pois, nessa situação, ela tenderia a utilizar as formas de prestígio e a rejeitar as formas estigmatizadas. Por outro lado, o sociolinguista pondera que se atribui à mulher o papel de propulsora de mudança linguística. Os dados apresentados na tabela indicam que as mulheres têm usado mais a forma *a gente* do que *nós*, o que parece sugerir que a variante inovadora está perdendo seu caráter estigmatizado, revelando o processo de mudança no sistema pronominal brasileiro.

#### 4.2.1.3 Faixa etária

Por meio do fator faixa etária, procuramos determinar se as variantes observadas neste estudo estão em situação de variação estável ou de mudança linguística. Tarallo (1986, p.65) informa que haverá variação estável se não existirem mudanças entre as faixas etárias. Mas se o uso da variante mais inovadora ocorrer com mais frequência na faixa etária mais jovem, diminuindo em relação à idade dos informantes mais velhos, então teremos uma situação de mudança em progresso.

Vários trabalhos apontam a variável faixa etária como fator condicionador na escolha de *nós* ou de *a gente* e têm revelado a preferência de uso de *a gente* pela faixa etária mais jovem, acenando para uma situação de mudança em progresso.

Os informantes estão divididos em três faixas etárias: na primeira, estão os indivíduos com idade até 30 anos, na segunda, os indivíduos de 31 a 57 anos e, na terceira os indivíduos acima de 58 anos. Observamos, na tabela, como fica a distribuição dos pronomes-sujeito *nós* e *a gente* nessa variável.

atores	Número de ocorrências/Total				
	Nós	%	A gente	%	Peso relativo
<b>Faixa etária I (até 30 anos)</b>	97 /439	22.1	342/439	77.9	.463
<b>Faixa etária II (de 31 até 57 anos)</b>	79/450	17.6	371/450	82.4	.696
<b>Faixa etária III (a partir dos 58 anos)</b>	109/214	50.9	105/214	49.1	.193

**Tabela 5:** Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*, conforme à faixa etária.

Diante dos dados analisados, percebemos que a faixa de idade mais avançada (58 anos) apresenta uma probabilidade menor no uso da variante *a gente* (49.1%), com peso relativo .193; nas faixas mais jovens (até 30 anos), a probabilidade de uso da variante *a gente* aumenta (77.9%, com .463 de peso relativo). Mas é na faixa de idade intermediária (31 a 57 anos) que temos um forte favorecimento da variante *a gente* (82.4%), apresentando um peso relativo significativo de .696.

Conforme observamos na tabela acima, os resultados apresentam um padrão linear que ratifica o que dizem Silva e Paiva (1996, p.367): o fenômeno da alternância entre as formas *nós* e *a gente* aponta efetivamente para uma variação envolvendo mudança. Considerando a tabela acima, vemos que, na faixa etária acima dos 58 anos, ocorre um decréscimo no uso de *a gente* e um aumento de uso de *nós*.

O alto emprego de *a gente* pelos jovens pode ser explicado pela preferência dessa faixa etária por variantes mais inovadoras, enquanto que os idosos preferem a variante mais conservadora.

Em termos numéricos, constatamos que, independentemente da faixa etária, os informantes usam mais o pronome *a gente* do que o pronome *nós* (1ª faixa etária: 342 ocorrências de *a gente* contra 97 casos de *nós*; 2ª faixa etária: 371 realizações de *a gente* contra 79 casos de *nós*). Quanto ao percentual da terceira faixa, os dados mostram uma sutil propensão ao uso tanto de *nós* quanto de *a gente* (*nós*: 50,9%; *a gente*: 49,1%); ou seja, quando tomadas em sua totalidade de ocorrências, as duas variantes aparecem com mais frequência no discurso dos informantes mais velhos.

Nossos dados mostram que existem grandes variações quanto ao uso de uma ou de outra variante em função da variável faixa etária. Notamos que há ocorrências mais

numerosas de *a gente* na faixa I e II, já que se trata de uma forma pronominal inovadora e cujo estigma em relação ao uso está se tornando menos acentuado apenas recentemente. Possivelmente, o resultado diferenciado que se encontra neste trabalho se deva, também, ao fato de a coleta de dados ter sido realizada, em comparação com outra.

Dos 439 pronomes de primeira pessoa do plural produzidos pelos informantes da faixa I, 77,9% são realizações de *a gente* e 22,1% são casos de *nós*. Dos 450 pronomes encontrados na fala dos informantes da faixa II, 82,4% são ocorrências de *a gente* e 17,6% são usos de *nós*. Ou seja, em ambas faixas etárias, acenam para a preferência de uso do pronome *a gente* em detrimento de *nós*.

Essa relação de desigualdade entre as variantes *nós* e *a gente*, nas diferentes faixas etárias, seria um indício de que a questão do uso de pronome sujeito de 1.<sup>a</sup> pessoa do plural se apresenta em uma situação de mudança em progresso. Tarallo (1986, p.65) afirma que para que se flagre uma mudança em progresso, é preciso que a variante mais inovadora (no presente estudo (pronome-sujeito *a gente*) seja mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à faixa etária mais velha, e isso foi constatado em nosso trabalho.

#### 4.2.1 Variáveis linguísticas

Neste subitem apresentaremos a análise dos fatores de natureza linguística tempo verbal e de concordância, que poderiam inferir na alternância do uso dos pronomes *nós* e *a gente*. Dessa maneira, procuramos identificar a partir dos inquiridos o grau de utilização em porcentagem dessas variáveis.

##### 4.2.1.1 Tempo verbal

Com relação ao tempo verbal, variável já trabalhada por alguns autores a citar: DUARTE (1995) observamos a utilização dos tempos presente e passado, por percebemos durante a leituras dos inquiridos uma maior probabilidade do aparecimento, já que nas entrevistas os informantes relatavam fatos tanto do presente quanto do passado.

Considerando as informações obtidas através da tabela abaixo, percebemos que o tempo presente se sobressai dentro na utilização das duas variantes, porém a incidência em relação ao uso do pronome *a gente* (80%) é quatro vezes maior que a do pronome *nós* (20%). Já, no momento em que as pessoas passam a conversar no tempo verbal passado, há quase

uma equiparação entre o grau de incidência das variantes, o *nós* passa a ser utilizado em 41.5% das conversas, o dobro do tempo presente, enquanto que o *a gente* decai para 58.5%.

Fatores	Número de ocorrências/Total				Peso relativo
	Nós	%	A gente	%	
<b>Tempo verbal/ Presente</b>	161/804	20.0	643/804	80.0	.560
<b>Tempo verbal/ Passado</b>	124/299	41.5	175/299	58.5	.343

**Tabela 6:** Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*, conforme o tempo verbal.

Ao observarmos esse fator consideramos a hipótese de que o presente, por seu aspecto indeterminado, favoreceria o uso de um termo mais genérico, no caso, a variante *a gente* e foi o que se constatou. Os resultados confirmaram que a variante *a gente* também é favorecida pelo tempo verbal passado, apesar de que em uma diferença menor em contrapartida ao *nós*. Esse resultado ratificou a probabilidade de que tanto o traço presente quanto o passado, favoreceu o traço genérico da variante *a gente*.

#### 4.2.1.2 Concordância de *nós* e *a gente*

Observando aos dados sobre os pronomes *nós* e *a gente*, é importante destacar que, nesta pesquisa, verificamos a existência de variações estigmatizadas como “*a gente vamos*” ou “*nós vai*”, situação que Omena (1996, p.331) relata ser resultado da variação e do cruzamento dos pronomes *nós* e *a gente*. São 219(94%) casos de *nós* com falta de concordância em contrapartida a 66 casos (76%) com a presença da concordância; e 14(6.0%) dos casos de *a gente* com verbos terminados em *-mos*, para 804 (92.4%) do *a gente* concordando com o verbo em 3ª pessoa.

Fatores	Número de ocorrências/Total				Peso relativo
	Nós	%	A gente	%	
<b>Presença da concordância</b>	66/870	7.6	804/870	92.4	.755
<b>Ausência da concordância</b>	219/233	94.0	14/233	6.0	.015

**Tabela 7:** Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente*, conforme presença/ausência de concordância.

Em relação ao uso do pronome *a gente* com verbo em 1.<sup>a</sup> pessoa do plural, Menon (1997) levanta a hipótese de que o falante faz esse tipo de concordância por hipercorreção: “[...] o traço de primeira pessoa do plural estaria tão completamente assimilado pelo falante que, por insegurança linguística, faria a concordância de *a gente* com forma verbal de morfema *-mos*, como forma de demonstrar ‘erudição’”. No caso da nossa pesquisa, essa ocorrência se deu em um número quase insignificante.

Já o uso do pronome *nós* com verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular parece ter relação com o que algumas pesquisas têm demonstrado a respeito da crescente simplificação nos paradigmas flexionais do português do Brasil. Nos dados de nosso trabalho, encontramos 870 registros do pronome-sujeito *nós*, dos quais somente 66 foram realizados canonicamente, ou seja, com verbos utilizando a desinência *-mos*, dessa forma, percebemos que o uso de *nós* com verbo em terceira pessoa do singular parece ser, de fato, o cruzamento com o pronome *a gente*, com o qual tem equivalência semântica.

O falante faria analogia com a concordância verbal da forma inovadora e produziria as construções estigmatizadas. A não marcação da desinência número-pessoal nas formas verbais do português, frequentemente observada na oralidade, parece favorecer o emprego do pronome-sujeito expresso, visto que, nessa situação, apenas o pronome “carregará” a marca de pessoa.

A partir desses resultados é possível verificar, dentre o período em que foi realizada a coleta dos dados até o presente momento, que esse fenômeno de substituição de *nós* para *a gente* pode ser classificado como um processo de variação, com provável mudança linguística, que vem ocorrendo, paulatinamente, ao longo dos anos e das gerações, entre os representantes das comunidades estudadas até por que de vinte anos para cá muitas mudanças já podem ser percebidas se forem feitas novas pesquisas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade do presente trabalho foi examinar a variação no uso dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito, com o intuito de verificar a situação de ocorrência e de concorrência entre esses pronomes. Buscamos, também, por meio da análise, identificar se as variáveis linguísticas - tempo verbal e concordância - e sociais - localidades, gênero e faixa etária - poderiam condicionar a frequência de uso das duas formas pronominais.

O fenômeno de variação entre *nós* e *a gente*, em Anselino da Fonseca e Rio de Contas, pode ser caracterizado como um processo de mudança em progresso, no qual a forma *a gente* se apresenta como inovadora, destacando-se como referência a terceira pessoa do singular, fazendo referência genérica, sem, contudo, deixar de fazer referência a primeira pessoa do plural, mesmo que de forma insignificante, em apenas 6% dos casos. Dessa forma, os resultados dessa análise nos permitiu chegar à conclusão que a variante inovadora foi utilizada com maior frequência como pronome-sujeito. Conforme vimos, das 1103 ocorrências, 818 (74,2%) são casos de *a gente* contra apenas 285 (25,8%) de realizações de *nós*.

Confirmamos também que as variáveis que influenciam no uso das duas variantes são as seguintes: tempo verbal, concordância, idade, gênero e até mesmo a localidade; às vezes uma influência maior às vezes menor, porém todos contribuem para a variação.

Concernente às variáveis linguísticas tempo verbal e concordância, respectivamente, houve um desfavorecimento em detrimento do tempo passado em relação ao presente, uma vez que, do total das 804 ocorrências das variações, percebemos que o tempo presente se sobressai, quanto à utilização das duas variantes, há uma maior incidência em relação ao uso do pronome *a gente* (80%) que é quatro vezes maior que a do pronome *nós* (20%). Já na variável concordância houve o favorecimento por parte da variante *a gente*, pois dos 870 casos apenas 6% ocorreram sem a presença da concordância sujeito/verbo, ao contrário do que aconteceu com a variante *nós*, em que das 213 ocorrências (94%) foram sem concordância, demonstrando que o falante tem mais facilidade na utilização da concordância em terceira pessoa que em primeira.

Em relação às variáveis extralinguísticas, o gênero tem-se mostrado relevante para determinar a escolha do pronome (*nós* ou *a gente*) pelas mulheres, indicando um comportamento inovador dessas por meio do uso mais frequente da variante não padrão; já para o sexo masculino, ocorre uma queda em comparação ao sexo feminino na utilização da variante *a gente*, e um maior uso da forma padrão (*nós*). Sobre a variável faixa etária, os mais jovens, favorecem o uso da forma inovadora e os mais velhos, por sua vez, usam em menor

proporção, o que ratifica o processo de possível mudança em progresso. Por fim, a variável localidade nos revela que os informantes da amostra de Rio de Contas utilizam mais as duas variantes em relação aos informantes da amostra de Anselino da Fonseca, e que o uso da variante inovadora se sobressai nos dois locais em mais de 50%, confirmando novamente, um caso de mudança em progresso nas duas amostras.

Assim, diante dos objetivos iniciais propostos nesta pesquisa, das informações que trouxemos acerca das variantes *nós* e *a gente* e dos dados obtidos com as análises, depreendemos que houve uma sobreposição da variante *a gente* concernente às variáveis analisadas, em que acontece um duelo de contemporização entre ambos, entretanto, como há uma maior incidência da variante inovadora, percebemos que está ocorrendo um possível caso de mudança em progresso.

Com o resultado desses dados, esperamos que este trabalho apresente informações para explicitar um pouco sobre estes fenômenos que estão presentes na nossa língua e forneça argumentos referentes ao quadro pronominal do português brasileiro, provando que a variação não é aleatória, mas sim regulada por um conjunto de fatores. É intenção também, dessa pesquisa, contribuir com os estudos da área de sociolinguística que privilegiam a interrelação entre língua e sociedade, a partir das relações de indivíduos em contextos que estimulam a linguagem oral.

## REFERÊNCIAS

- ALI, Manuel Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 7. ed Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 33 ed, São Paulo, Editora Saraiva, 1961.
- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de ; CARNEIRO , Zenaide de Oliveira Novais (organizadoras). **Coleção amostras da língua falada no semi-árido baiano C425** - Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008. 4 CDs.
- ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira. Diversidade Linguística na Escola: Problemas e perspectivas. In: **Anais do Fórum Internacional da Diversidade Linguística: UFRGRS**, Porto Alegre, julho, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é , como se faz**. 7.ed São Paulo: Loyola, 2001.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Moderna Gramática portuguesa**. 37<sup>a</sup> Ed(Edição revista e ampliada). Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de lingüística geral 1**. Campinas, SP, Pontes: Editora da UNICAMP, 1988.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada do Paraná: uma análise variacionista**. Dissertação de Mestrado. UFPR, 1998.
- CAVALCANTE, Mariane Carvalho Bezerra. **Sociolinguística**.s/d. Disponível em: [http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/sociolinguistica\\_1330351479.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/sociolinguistica_1330351479.pdf). Acesso em 01 de agosto de 2013.
- CEZARIO, Maria Maura, VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon. Editora Digital, 2007.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Felipe Lindley. . **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 714 p.

FARACO & MOURA. **Gramática**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Olanda (1910-1989). **Novo Aurélio do século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª ed, totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova fronteira. 2010.

FURTADO, Isméria de Souza. **Análise da Variação no uso de “nós” e “a gente”**. São Paulo, s/d. Disponível em: [http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto\\_todasletras/inicie/IsmeriaFurtado.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasletras/inicie/IsmeriaFurtado.pdf). Acesso em: 25 de julho de 2013.

LABOV, William. **Padroes sociolinguísticos**. Tradução: BAGNO, Marcos; SCHERRE, Marta Maria Pereira; CARDOSO, Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEMOS, D. M. **Processo de gramaticalização do "a gente" em corpus oral de Feira de Santana** – BA. Monografia (Especialização em Estudos Linguísticos e Literários) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2012.

LEMOS, D. M.. **Variação na fala dos estudantes da rede pública de ensino de Santo Antônio de Jesus-BA: uma análise da concordância nominal de número**. Monografia (Graduação em Letras Vernáculas) – Departamento de Letras, Universidade Estadual da Bahia, 2010.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português**. Frankfurt amMain/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. p.174. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/Lopetese.pdf#page=1&zoom=auto,0,849>. Acesso em 11 de setembro de 2013.

LOPES, C. R. S. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 1993.

\_\_\_\_\_. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Faculdade de Letras/UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Faculdade de Letras/UFRJ, 2003

LUCCHESI, Dante. **Sistema Mudança e Linguagem um Percurso na História da Linguística Moderna**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATEUS, Maria Helena et alii. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983.

MENDES, Rute. **O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus**: um recorte do português popular no interior da Bahia. Dissertação em Letras e Linguística. Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia. UFBA, 2007.

MENON, O. P. da S. **A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no Português do Brasil? II Encontro Nacional sobre Língua Falada e escrita**. Maceió: UFAL, 1995.

MOLLICA, M. C. (2003) Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, M. L.; MOLICA, M. C. M. (Org.). **Introdução à Sociolinguística – O Tratamento da Variação**. 1. ed. São Paulo: Contexto. 2010. p. 9-13.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. . **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais**. Fortaleza: EUFC, 1994.

MONTEIRO, José Lemos. **Os pronomes pessoais no português do Brasil**. Tese de Doutorado, UFRJ, 1991.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OMENA, N P. “A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural”. In: NARO, A. J. et alii: **Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação**. Rio de Janeiro, UFRJ Editora, 2:286 – 319, 1986.

\_\_\_\_ a. “A referência à primeira pessoa do discurso no plural”. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. **Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, UFRJ Editora, 183 – 215, 1996.

\_\_\_\_ b. As influências sociais da variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: SILVA, G. M. de O. & SCHERRE, M. M. P. (org.) **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, p. 310 – 323, 1996.

\_\_\_\_. “A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?”. In: PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. (orgs.) **Mudança linguística em tempo real**, Rio de Janeiro: Contra Capa: 63-80, 2003.

OMENA, N.P. e BRAGA, M.L. A Gente está se gramaticalizando? In: **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de. Apresentação. In OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de e LOPES, Célia Regina dos Santos (Orgs.). **Sexo – uma variável produtiva**. Vol. 4, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1995.

PESSOA, Maria do Socorro. **SOCIOLINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA**. UNIR-Campus de Vilhena, s/d. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp15/01.pdf>. Acesso em: 02 de agosto de 2013.

PRETI, Dino. A Sociolinguística e o fenômeno da diversidade na língua de um grupo social. In: **Sociolinguística: os níveis da fala**. São Paulo: Cia Nacional, 1987.

POPLACK, S. **Function and process in a variable phonology**. Dissertation, University of Pennsylvania, 1979.

SANTOS, NicaelleViturino dos; COSTA, Elaine Dantas; FERNANDA, Alaíde da. **O Uso Do “Nós” E Do “A Gente” Na Escrita De Estudantes Universitários. In: I CONGRESSO NACIONAL EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE. UFS – Itabaiana/SE. 2011. Disponível em:**

**[http://200.17.141.110/forumidentidades/Vforum/textos/Nicaelle\\_Viturino\\_dos\\_Santos.pdf](http://200.17.141.110/forumidentidades/Vforum/textos/Nicaelle_Viturino_dos_Santos.pdf)**. Acesso em: 06 de junho de 2013.

SILVA, G.M. e PAIVA, M.C.A. A visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA e SILVA, G.M. e SCHERRE, M.M.P.(Org.) **PadrõesSociolingüísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SANTOS, Renata Livia de Araújo. **Concordância verbal e suas variáveis verbalagreementand its variables.** Disponível em: [http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_14/INTER14\\_09.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_14/INTER14_09.pdf). Acesso em 25 de julho de 2012

TARALLO, Fernando. . **A pesquisa socio-lingüística**. 2. ed. - São Paulo: Ática, 1986 96 p. (Princípios )

VOTRE, S. J. Um paradigma para linguística formal. In: MARTELOTTA, M. A.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M..**Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. UFRJ: Grupo de EstudosDiscurso e Gramática, 1996.

WEINREICH, U. **Languages in contact: Finding and problems**. New York, Linguistic Circle of New York, 1974.

WEINREICH, Uriel. **Fundamentos Empíricos Para Uma Mudança Lingüística** / Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

WEINREICH, Uriel. **Fundamentos Empíricos Para Uma Mudança Lingüística** / Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

**ANEXOS**

CHAVE DE CODIFICAÇÃO  
*Perspectiva Sintagmática (não atomística)*

**1 VARIÁVEL DEPENDENTE**

- (+) Uso do nós
- (-) Uso do a gente

**2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICA**

*CONCORDÂNCIA DE NÓS E A GENTE*

- (S) Sim - Presença da concordância
- (N) Não - Ausência da concordância

*TEMPO VERBAL*

- (Y) Presente
- (X) Pretérito

**3 VARIÁVEIS SOCIAIS**

*GÊNERO*

- (F) Feminino
- (M) Masculino

*FAIXA ETÁRIA*

- (1) Até 30 anos
- (2) De 31 anos até 60 anos
- (3) A partir de 61 anos

*AMOSTRA*

- (A) Anselino da Fosenca
- (B) Rio Contas

RODADA GOLDVARB

• **GROUPS & FACTORS • 31/10/2013 22:55:00** .....

-----  
**Group Default Factors**

1	+	+-
2	S	SN
3	Y	YX
4	M	MF
5	1	123
6	A	AB

• **CELL CREATION • 31/10/2013 22:55:10** .....

Name of token file: Codificação COMPLETA.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(  
; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

)

Number of cells: 45

Application value(s): -+

Total no. of factors: 11

Group	-	+	Total	%
-------	---	---	-------	---

-----  
1 (2)    -    +  
S N    804    66    870 78.9  
%    92.4    7.6

N N    14    219    233 21.1  
%    6.0    94.0

Total N    818    285    1103  
%    74.2    25.8

-----  
2 (3)    -    +  
Y N    643    161    804 72.9  
%    80.0    20.0

X N    175    124    299 27.1  
%    58.5    41.5

Total N    818    285    1103

	%	74.2	25.8		
-----					
<b>3 (4)</b>	-	+			
<b>M N</b>	<b>345</b>	<b>129</b>	<b>474</b>	<b>43.0</b>	
	%	72.8	27.2		
<b>F N</b>	<b>473</b>	<b>156</b>	<b>629</b>	<b>57.0</b>	
	%	75.2	24.8		
<b>Total N</b>	<b>818</b>	<b>285</b>	<b>1103</b>		
	%	74.2	25.8		
-----					
<b>4 (5)</b>	-	+			
<b>1 N</b>	<b>342</b>	<b>97</b>	<b>439</b>	<b>39.8</b>	
	%	77.9	22.1		
<b>2 N</b>	<b>371</b>	<b>79</b>	<b>450</b>	<b>40.8</b>	
	%	82.4	17.6		
<b>3 N</b>	<b>105</b>	<b>109</b>	<b>214</b>	<b>19.4</b>	
	%	49.1	50.9		
<b>Total N</b>	<b>818</b>	<b>285</b>	<b>1103</b>		
	%	74.2	25.8		
-----					
<b>5 (6)</b>	-	+			
<b>A N</b>	<b>192</b>	<b>111</b>	<b>303</b>	<b>27.5</b>	
	%	63.4	36.6		
<b>B N</b>	<b>626</b>	<b>174</b>	<b>800</b>	<b>72.5</b>	
	%	78.2	21.8		
<b>Total N</b>	<b>818</b>	<b>285</b>	<b>1103</b>		
	%	74.2	25.8		
-----					
<b>TOTAL N</b>	<b>818</b>	<b>285</b>	<b>1103</b>		
	%	74.2	25.8		

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 31/10/2013 22:55:15 .....

Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.  
 Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

**Run # 1, 1 cells:**  
**Convergence at Iteration 2**  
**Input 0.742**  
**Log likelihood = -630.212**

----- Level # 1 -----

**Run # 2, 2 cells:**  
**Convergence at Iteration 6**  
**Input 0.801**  
**Group # 1 -- S: 0.752, N: 0.016**  
**Log likelihood = -286.573 Significance = 0.000**

**Run # 3, 2 cells:**  
**Convergence at Iteration 5**  
**Input 0.751**  
**Group # 2 -- Y: 0.570, X: 0.319**  
**Log likelihood = -605.481 Significance = 0.000**

**Run # 4, 2 cells:**  
**Convergence at Iteration 3**  
**Input 0.742**  
**Group # 3 -- M: 0.482, F: 0.513**  
**Log likelihood = -629.803 Significance = 0.382**

**Run # 5, 3 cells:**  
**Convergence at Iteration 5**  
**Input 0.755**  
**Group # 4 -- 1: 0.534, 2: 0.604, 3: 0.238**  
**Log likelihood = -589.203 Significance = 0.000**

**Run # 6, 2 cells:**  
**Convergence at Iteration 4**  
**Input 0.746**  
**Group # 5 -- A: 0.371, B: 0.550**  
**Log likelihood = -618.045 Significance = 0.000**

**Add Group # 1 with factors SN**

----- Level # 2 -----

**Run # 7, 4 cells:**  
**Convergence at Iteration 6**  
**Input 0.804**  
**Group # 1 -- S: 0.749, N: 0.016**  
**Group # 2 -- Y: 0.550, X: 0.367**  
**Log likelihood = -282.167 Significance = 0.005**

Run # 8, 4 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.802  
 Group # 1 -- S: 0.753, N: 0.015  
 Group # 3 -- M: 0.455, F: 0.534  
 Log likelihood = -285.660 Significance = 0.183

Run # 9, 6 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.820  
 Group # 1 -- S: 0.760, N: 0.013  
 Group # 4 -- 1: 0.474, 2: 0.679, 3: 0.203  
 Log likelihood = -263.653 Significance = 0.000

Run # 10, 4 cells:  
 Convergence at Iteration 6  
 Input 0.803  
 Group # 1 -- S: 0.751, N: 0.016  
 Group # 5 -- A: 0.401, B: 0.538  
 Log likelihood = -284.164 Significance = 0.031

Add Group # 4 with factors 123

----- Level # 3 -----

Run # 11, 12 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.825  
 Group # 1 -- S: 0.758, N: 0.014  
 Group # 2 -- Y: 0.561, X: 0.341  
 Group # 4 -- 1: 0.459, 2: 0.695, 3: 0.198  
 Log likelihood = -257.757 Significance = 0.001

Run # 12, 12 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.820  
 Group # 1 -- S: 0.760, N: 0.013  
 Group # 3 -- M: 0.493, F: 0.505  
 Group # 4 -- 1: 0.473, 2: 0.679, 3: 0.205  
 Log likelihood = -263.637 Significance = 0.868

Run # 13, 12 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.823  
 Group # 1 -- S: 0.759, N: 0.014  
 Group # 4 -- 1: 0.477, 2: 0.681, 3: 0.197  
 Group # 5 -- A: 0.383, B: 0.545  
 Log likelihood = -260.481 Significance = 0.012

Add Group # 2 with factors YX

----- Level # 4 -----

Run # 14, 24 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.825  
 Group # 1 -- S: 0.758, N: 0.014  
 Group # 2 -- Y: 0.561, X: 0.340  
 Group # 3 -- M: 0.487, F: 0.509  
 Group # 4 -- 1: 0.457, 2: 0.695, 3: 0.202  
 Log likelihood = -257.701 Significance = 0.742

Run # 15, 24 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.830  
 Group # 1 -- S: 0.755, N: 0.015  
 Group # 2 -- Y: 0.560, X: 0.343  
 Group # 4 -- 1: 0.463, 2: 0.696, 3: 0.193  
 Group # 5 -- A: 0.385, B: 0.544  
 Log likelihood = -254.649 Significance = 0.013

Add Group # 5 with factors AB

----- Level # 5 -----

Run # 16, 45 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.830  
 Group # 1 -- S: 0.755, N: 0.015  
 Group # 2 -- Y: 0.561, X: 0.342  
 Group # 3 -- M: 0.486, F: 0.511  
 Group # 4 -- 1: 0.460, 2: 0.696, 3: 0.196  
 Group # 5 -- A: 0.385, B: 0.544  
 Log likelihood = -254.577 Significance = 0.705

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 1 4 2 5  
 Best stepping up run: #15

-----  
 Stepping down...

----- Level # 5 -----

Run # 17, 45 cells:  
 Convergence at Iteration 8  
 Input 0.830  
 Group # 1 -- S: 0.755, N: 0.015  
 Group # 2 -- Y: 0.561, X: 0.342

**Group # 3 -- M: 0.486, F: 0.511**  
**Group # 4 -- 1: 0.460, 2: 0.696, 3: 0.196**  
**Group # 5 -- A: 0.385, B: 0.544**  
**Log likelihood = -254.577**

----- Level # 4 -----

**Run # 18, 24 cells:**  
**Convergence at Iteration 6**  
**Input 0.771**  
**Group # 2 -- Y: 0.579, X: 0.299**  
**Group # 3 -- M: 0.507, F: 0.495**  
**Group # 4 -- 1: 0.520, 2: 0.625, 3: 0.225**  
**Group # 5 -- A: 0.344, B: 0.561**  
**Log likelihood = -548.202 Significance = 0.000**

**Run # 19, 24 cells:**  
**Convergence at Iteration 8**  
**Input 0.823**  
**Group # 1 -- S: 0.759, N: 0.014**  
**Group # 3 -- M: 0.491, F: 0.507**  
**Group # 4 -- 1: 0.476, 2: 0.681, 3: 0.199**  
**Group # 5 -- A: 0.383, B: 0.545**  
**Log likelihood = -260.454 Significance = 0.001**

**Run # 20, 24 cells:**  
**Convergence at Iteration 8**  
**Input 0.830**  
**Group # 1 -- S: 0.755, N: 0.015**  
**Group # 2 -- Y: 0.560, X: 0.343**  
**Group # 4 -- 1: 0.463, 2: 0.696, 3: 0.193**  
**Group # 5 -- A: 0.385, B: 0.544**  
**Log likelihood = -254.649 Significance = 0.705**

**Run # 21, 16 cells:**  
**Convergence at Iteration 6**  
**Input 0.809**  
**Group # 1 -- S: 0.748, N: 0.017**  
**Group # 2 -- Y: 0.551, X: 0.365**  
**Group # 3 -- M: 0.458, F: 0.531**  
**Group # 5 -- A: 0.403, B: 0.537**  
**Log likelihood = -278.833 Significance = 0.000**

**Run # 22, 24 cells:**  
**Convergence at Iteration 8**  
**Input 0.825**  
**Group # 1 -- S: 0.758, N: 0.014**  
**Group # 2 -- Y: 0.561, X: 0.340**  
**Group # 3 -- M: 0.487, F: 0.509**  
**Group # 4 -- 1: 0.457, 2: 0.695, 3: 0.202**

**Log likelihood = -257.701 Significance = 0.013**

**Cut Group # 3 with factors MF**

**----- Level # 3 -----**

**Run # 23, 12 cells:**

**Convergence at Iteration 6**

**Input 0.771**

**Group # 2 -- Y: 0.579, X: 0.299**

**Group # 4 -- 1: 0.519, 2: 0.625, 3: 0.226**

**Group # 5 -- A: 0.345, B: 0.561**

**Log likelihood = -548.255 Significance = 0.000**

**Run # 24, 12 cells:**

**Convergence at Iteration 8**

**Input 0.823**

**Group # 1 -- S: 0.759, N: 0.014**

**Group # 4 -- 1: 0.477, 2: 0.681, 3: 0.197**

**Group # 5 -- A: 0.383, B: 0.545**

**Log likelihood = -260.481 Significance = 0.001**

**Run # 25, 8 cells:**

**Convergence at Iteration 6**

**Input 0.808**

**Group # 1 -- S: 0.747, N: 0.017**

**Group # 2 -- Y: 0.551, X: 0.366**

**Group # 5 -- A: 0.399, B: 0.539**

**Log likelihood = -279.613 Significance = 0.000**

**Run # 26, 12 cells:**

**Convergence at Iteration 8**

**Input 0.825**

**Group # 1 -- S: 0.758, N: 0.014**

**Group # 2 -- Y: 0.561, X: 0.341**

**Group # 4 -- 1: 0.459, 2: 0.695, 3: 0.198**

**Log likelihood = -257.757 Significance = 0.013**

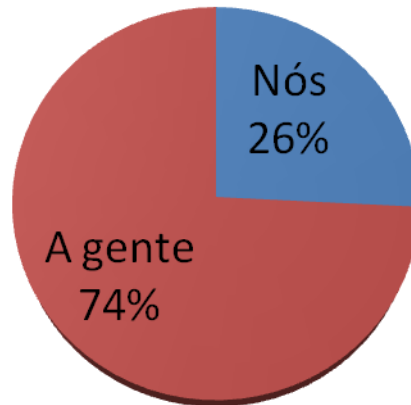
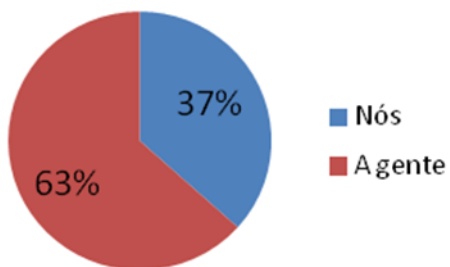
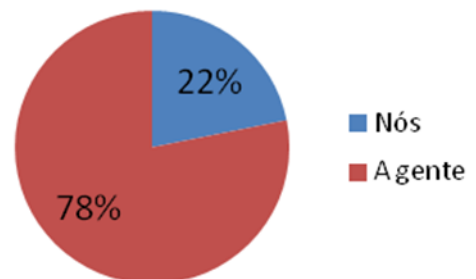
**All remaining groups significant**

**Groups eliminated while stepping down: 3**

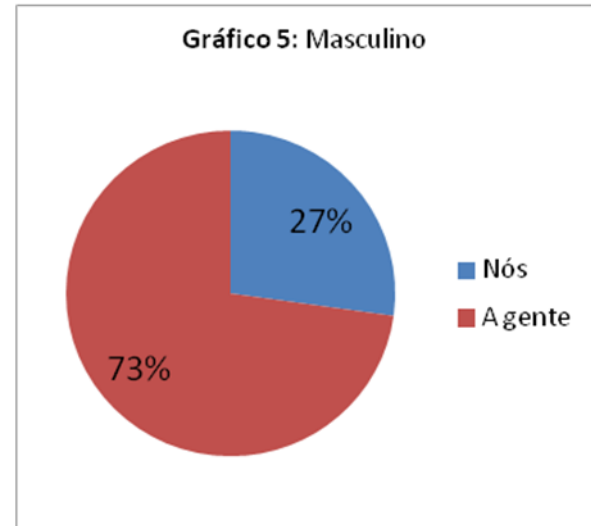
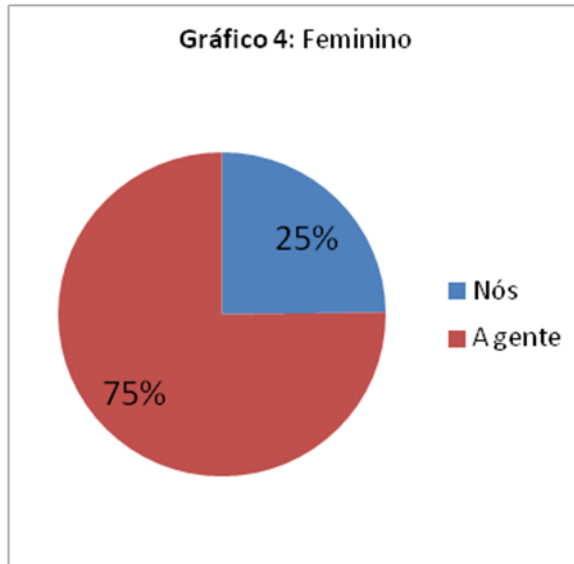
**Best stepping up run: #15**

**Best stepping down run: #20**

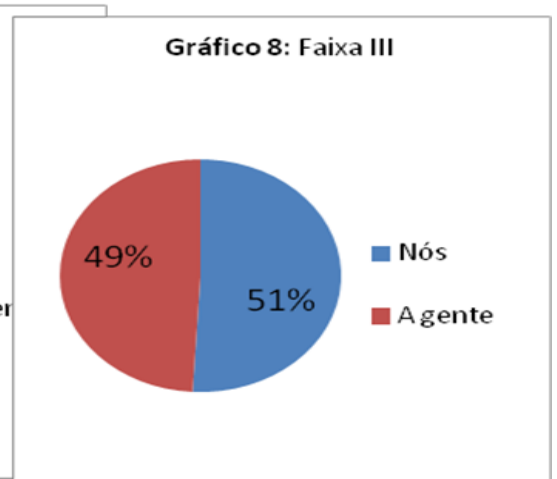
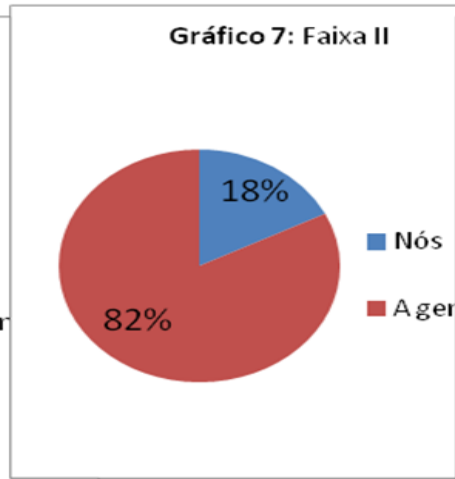
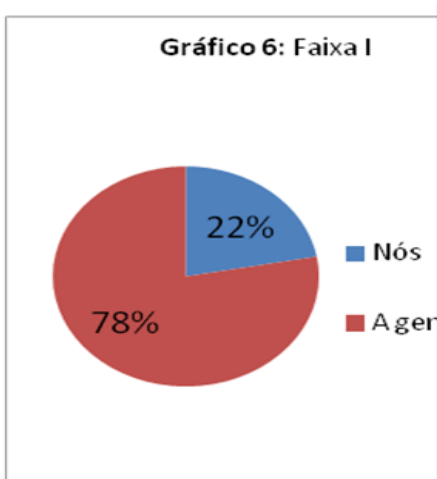
## GRÁFICOS

Gráfico 1: Total de ocorrências das variantes *nós* e *a gente* nas comunidades Piaba/BananalOCORRÊNCIAS DOS PRONOMES *NÓS* E *A GENTE*, CONFORME LOCALIDADEGráfico 2: Ocorrências do *nós* e do *a gente* na Amostra Anselino da FonsecaGráfico 3: Ocorrência do *nós* e do *a gente* na Amostra Rio de Contas

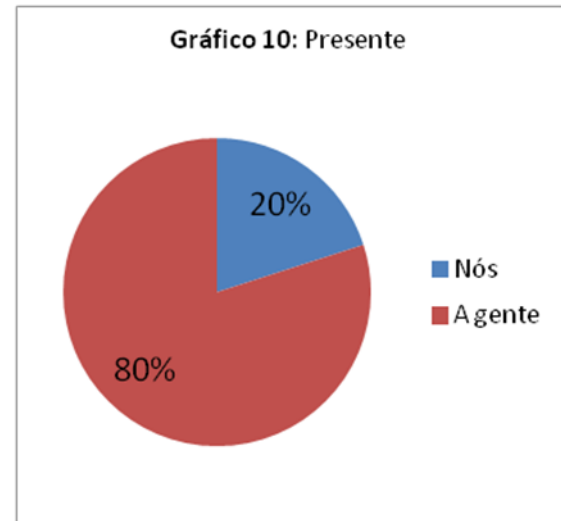
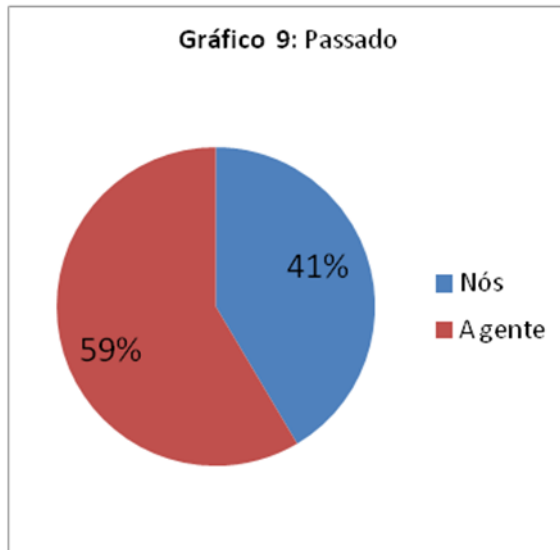
## OCORRÊNCIA DO *NÓS* E *A GENTE*, CONFORME GÊNERO



## OCORRÊNCIAS DOS PRONOMES *NÓS* E *A GENTE*, CONFORME À FAIXA ETÁRIA.



## VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS: Tempo verbal



## OCORRÊNCIAS DOS PRONOMES *NÓS* E *A GENTE*, CONFORME PRESENÇA/AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA

